

CAFÉ COM POEMAS: UM MOVIMENTO DE IDENTIDADE SOCIOCULTURAL E EDUCACIONAL

Celeste Maria Farias de Souza Dias
Graduanda no Curso de Filosofia – FAJE
celestefarias@ymail.com

Fabiana Souza Salustiano
Graduanda no Curso de Filosofia – FAJE
fabianasalustiano@gmail.com

Júnio William dos Santos
Especialista em Juventude no mundo contemporâneo – FAJE
E-mail: william.pedagogo@hotmail.com

Rone da Silva Oliveira
Bacharel em Filosofia – FAJE
roneasp@hotmail.com

O objetivo dessa comunicação é trazer uma estratégia de inserção e atuação de jovens, no espaço literário-cultural e educacional, através do incentivo à escrita, ações em movimentos culturais, participações ativas em saraus de poesias e em coletâneas literárias, tomando como base o “Movimento Café com Poemas”, que publicou em 2017, a “Antologia Poética Café com Poemas” e o “Manifesto ao Cultivismo”, ambos lançados em diversas feiras literárias no Brasil. O projeto foi fundado em 2013, por dois jovens escritores (Celeste Farias e Leandro Flores). Entre diversas atividades do movimento, a coletânea de poesia agregou 39 poetas de diferentes localidades, muitos deles, publicando pela primeira vez, outros já com uma bagagem significativa de experiência, mas todo mundo com a mesma vontade: degustar a inspiração e reverberar a poesia. O livro foi o resultado de um concurso nacional de poesia, onde também foi oportunizado que alunos de escolas públicas e particulares tivessem poemas publicados entre uma gama de ilustres e talentosos escritores. Dentre os oito escritores participantes de Minas Gerais, duas estudam na FAJE e dois estudaram na instituição: Celeste Farias (organizadora/filosofia) e Fabiana Salustiano (poeta/filosofia); Rone Oliveira (poeta/ bacharel em filosofia) e Júnio William (poeta/ especialista em Juventude). Esses são alguns dos Jovens desse movimento que perceberam o quanto o trabalho coletivo é importante, mobilizando-se e tornando-se influenciadores em suas comunidades.

Palavras-chave: Coletânea. Manifesto. Poesia. Literatura. Cultura.

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho, temos o propósito de enfatizar a importância dos movimentos culturais e literários inseridos na comunidade, nas academias e nas escolas, e que tanto contribuem para o incentivo à prática da leitura e da arte, que muitas das vezes, tiram os jovens da inércia e do niilismo contemporâneo, tão crescente com o aparecimento do “sexto continente” cibernético e da sua má utilização. E representando os movimentos que têm essa mesma visão,

traremos o Café com Poemas, que desde 2013 atua entre as várias idades e contextos literários e culturais. Iniciaremos com um breve histórico do coletivo, o prefácio que cita os nomes dos poemas contidos na Antologia e o “Manifesto ao Cultivismo”, elementos essenciais para utilizarmos como ferramentas nas salas de aulas e em tantos outros espaços públicos.

Os autores da “Antologia Poética Café com Poemas” são: Alexandre Brito, Álvaro Dias, Ana Moreira, Ângela Torino, Antônio da Cruz Santana, Audelina Macieira, Carla Torrini, Clara Alves Valadares Caiafa, Conceição Oliveira, Cosme Custódio, Cristiano Sousa, Edson Oliveira da Silva, Edson Pereira Silveira, Elisiane Pereira Furtado, Fabiana Salustiano, Fabrício Oliveira, Fernanda B. Volpato, Inês Carolina Rilho Machado, José Carlos de Arruda, José Maria de Jesus Raimundo Silva, Josue Ramiro Ramalho, Júlio César Torino, Júnio William, Kauan Gabriel de Castro, Khawe Zagato, Laís Vilaça, Lúcia Linhares, Lucymar Soares, Maria Terezinha, Marianne Franca, Michelle Saimon, Morgana Gazel, Neuza de Brito Carneiro, Nilda Passoni, Renata Barcellos, Roberto Ferrari, Rone Oliveira, Sérgio Guerra e Wilson de Jesus Costa. Entre os poetas citados, os jovens que participaram nas escolas foram: Clara, Kauan e Laís, publicando pela primeira vez.

A juventude precisa estar em constante actância, no que tange o mundo real. E uma das formas mais adequadas é tornar-se o protagonista da sua própria vida. Seja lendo, escrevendo, incentivando, recitando, apreciando... enfim, que faça valer à pena cada grão de areia da ampulheta. É de se alegrar ao perceber que podemos ser multiplicadores de boas notícias. É saber que essas boas notícias renderão saborosos frutos. Entendemos que “a poesia precisa ser perseguida como forma de se buscar um sentido existencial e instrumental, seja através do comportamento poético, seja da linguagem representativa”. Baseados nesse fragmento do primeiro tópico do Manifesto ao Cultivismo do Movimento Café com Poemas, foi que decidimos unir forças e embarcamos numa viagem poética, através da construção da coletânea, que além de textos e entrelinhas, traz consigo um emaranhado de sentires e sentidos.

UM POUCO SOBRE O PROJETO E A ANTOLOGIA POÉTICA CAFÉ COM POEMAS

A série “novos sabores” dá início a uma sequência de livros que têm por finalidade juntar vários elementos da poesia em um único caldeirão, surgindo assim, a essência do sabor que reúne Café com Poemas e muita vontade na degustação.

Essa primeira coletânea traz 39 poetas de diferentes localidades, muitos deles, publicando pela primeira vez, outros já com uma bagagem significativa de experiência, mas todo mundo com a mesma vontade: degustar a inspiração.

O projeto foi o resultado de um concurso Nacional de Poesia, onde também oportunizamos que alunos de escolas públicas tivessem poemas publicados entre essa gama de ilustres e talentosos poetas. A poesia se misturou entre temas, estilos, constatações e acima de tudo, a satisfação e leveza dos versos na exploração da temática livre e gostos diversos pelos versos.

Na mesma bandeja, ainda cabem o prefácio do nobre poeta mineiro, Alexandre Brito e o emocionante comentário do artista plástico mineiro, Pablo Rezende (ambos são cofundadores do Movimento Café com Poemas em Belo Horizonte). Como sobremesa, lá no finalzinho da página, trouxemos o Manifesto ao Cultivismo, produzido em 2015 e lançado pela Revista Café com Poemas em 2017. O Manifesto é o resultado de alguns encontros, debates, estudos e pesquisas acerca da cultura e da arte CONTEMPORÂNEA no Brasil. São dez itens com sugestões e posicionamentos sobre o que nós acreditamos e referenciamos como importante para o Movimento Café com Poemas, arte e cultura em geral.

O Movimento Café com Poemas nasceu em 2013 na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Começamos em encontros informais em casa (sempre acompanhado de um café e um pãozinho de queijo no final). Depois levamos também para os centros culturais, para as ruas e para as escolas de Belo Horizonte.

Hoje, o Café com Poemas está em diversos lugares, principalmente nas páginas do livro. O resultado de toda evocação poética, transforma-se sempre em poesia, e poesia com essência, de múltiplos significados a apreciações. Prezamos pela união, compreensão, inclusão, debate, respeito e fortalecimento sociocultural a todos os nossos CULTIVADORES. A poesia (como mensagem) será sempre a nossa mais bela ferramenta de lapidação.

O MANIFESTO

MANIFESTO AO CULTIVISMO

Através de uma abordagem simples e direta – como é a proposta empírica do Movimento Café com Poemas –, o presente documento visa cultivar, estimular, sugerir, registrar e provocar uma abrangente discussão, acerca do pensamento cultural, filosófico e intelectual no Brasil da contemporaneidade, respeitando todas as normas vigentes da língua portuguesa, bem como as influências históricas que nortearam os padrões e tendências no seguimento artístico-cultural da nossa literatura atual.

Sendo assim, enumeramos alguns tópicos que acreditamos corresponder a ideologia do Movimento Artístico e literário Café com Poemas, bem como, a fomentação das discussões acerca desse pensamento sobre a arte e a literatura atual.

Denominamos então a expressão “Cultivismo”, um neologismo da palavra “Cultivar” que pode ser também associada ao Cultismo, mas sem nenhuma semelhança de expressividade sintética.

O Cultivismo vai mesmo pelo lado da sinfonia de significados da palavra “cultivar”, associemos:

Tópico – 1: Os quatro pilares

Acreditamos em uma poética regimentada por quatro pilares de sustentação: arte, cultura, educação e filosofia.

A arte denota o caminho natural de expressão e desenvolvimento. A cultura, o legado e a objetividade. A educação, os moldes e a filosofia, a provocação.

A poesia precisa ser perseguida como forma de se buscar um sentido existencial e instrumental, seja através do comportamento poético, seja da linguagem representativa. O ideário da linguagem contemplativa, da “polimentação” poética e do entendimento consequencial (mensagem), do artístico (transcendência) e do ser poeta (personificação).

Tópico – 2: O Sentido da Poesia

Compreendemos que a poesia é toda manifestação onde se pode interpretar uma “mensagem” – contexto – e não somente um conjunto de palavras com rimas, sem rimas, arranjos, métricas, estrofes ou versos; acreditamos em uma poesia que faça sentido para o mundo, que busque conscientizar, não somente confrontar ou provocar estranheza, mas que agregue valores e dê significado verdadeiro ao ser emissário.

Tópico – 3: Polimentação Artística

Acreditamos que a arte só terá sentido quando envolver união, respeito, humildade e acolhimento entre os seus proletários.

Acreditamos na polimentação artística, no sentido de “polir”, ou seja: na contribuição efetiva de ideias e estratégias e no melhoramento da mensagem estabelecida entre seus fomentadores.

A arte também precisa ser compartilhada em prole, abraçada, apadrinhada e oportunizada por todos os seus usufrutos para que haja um movimento, um avivamento estrutural de abrangência culminante.

Tópico – 4: Significados: artista, poeta e escritor – transcendência e personificação

Acreditamos nas diferentes formas de significados entre ser poeta, ser artista e ser apenas um escritor.

O dom de traduzir um pensamento, um fato ou reunião de ideias através das palavras são características do escritor. Ele é capaz de transformar um acontecimento ou uma imaginação em algo estreitamente representativo. Utilizando-se da técnica, da intuição ou habilidades naturais, independentemente de ser profissional ou amador, o escritor carrega a vocação de traduzir, escrever ou informar.

Já o poeta vai além da composição da escrita. Ele vive a própria poesia em si, seja como mensageiro criador – aquele que produz a mensagem, seja como emissário (aquele que dá sentido à mensagem através do seu entendimento e interpretações).

O artista por sua vez é aquele que vai além da poesia, da escrita ou de uma determinada habilidade de produzir sua arte. Ele transcende suas próprias habilidades.

Acreditamos que o artista é um ser da multiplicidade de seus dons naturais. Ele compreende a arte e vive por ela, não somente dela. O artista, em nosso entendimento, pode ser também definido com um ser dorsal, de múltipla vertebra. Ou seja: aquele que possui mais de uma habilidade artística ou que tenha facilidade de compreensão e de desenvolvimento artístico.

Tópico – 5: Arte contemporânea e suas artificialidades conjuntivas de significados

Acreditamos que a arte contemporânea ainda não produziu a essência poética que o mundo necessita e precisa ser caracterizada, marcada, questionada e idealizada. A arte atual tornou-se uma intensa mesclagem de elementos de diversas expressões artísticas, herdadas pelas incorporações de movimentos anteriores e de uma expressão cada vez mais política, evidenciada pelo “grito” ao invés do “silenciar da contemplação”. Isso de certa forma, assusta, confronta, impõe, transgride e banaliza o conceito do significado da beleza e da forma. Por isso, fica a necessidade de uma ampla discussão e pesquisa sobre o que de fato é arte o que pode ser entendido ou renegado como expressão de natureza artística.

Tópico – 6: Responsabilidade Política do Artista

Acreditamos na responsabilidade política do artista. Ele como agente de seu tempo, sensível a todas as causas inerentes ao processo de condição humana e de suas implicações na formação de uma nova consciência evolutiva, precisa substancialmente estar antenado nas questões que envolvem o combate ao preconceito, ao racismo, a preservação do meio ambiente, as questões regionais e toda forma de opressão política, cultural ou social, bem como a criação de conteúdos que estimulem a paz, a consciência, a educação, de todos os níveis, e a inclusão sociocultural, transmitindo isso evidentemente para suas manifestações artísticas e intelectuais.

Tópico – 7: Objetividade Poética e Artística

Acreditamos em uma poética mais simples e mais ajustada com o atual momento, tendo como aliada desse processo, as questões tecnológicas. Acreditamos no enxugamento das palavras, na objetividade poética e artística, nas pesquisas e modos alternativos de elaboração e disponibilidade entre o condutor e o seu público, considerando, evidentemente, a liberdade e a caracterização individual artística de cada um.

Tópico – 8: Modernidade e aparato tecnológico como forma de universalização cultural

Acreditamos que os e-books, a arte digital-eletrônica e toda forma atual de agregação tecnológica sejam um caminho a ser trilhado para ressurgir a universalização da cultura e da arte.

A evolução significativa das artes visuais, os blogs, os vídeos, os sons, as redes sociais diversas, as novas tendências participativas do processo tecnológico, como, por exemplo, os livros digitais, os dispositivos móveis, os aplicativos vêm conduzindo de forma imponderável o ressignificado da literatura e da arte contemporânea. Nesse sentido, acreditamos que seja possível, dentro desse processo atual, criar meios para promover o interesse do leitor e que esse modelo do digital seja o futuro dos livros e da arte como todo.

Tópico – 9: Inclusão Cultural e Artística

Defendemos a inclusão cultural e artística, o incentivo à leitura, a participação de novos poetas e artistas de diferentes segmentos e eventos que conscientizem, despertem e atraiam pessoas para uma causa ou para um bem comum.

Tópico – 10: Redescobrimento e expressividade cultural no Brasil

Acreditamos no redescobrimento do Brasil pela arte; no resgate das culturas identitárias e populares e na efetiva regionalidade, de expressões, baseadas nas tradições culturais, costumes, modos e linguagens, presentes em diferentes pontos desse país “Gigante pela Própria Natureza”.

Incentivamos – para efeito de registro – um laboratório de toda expressão cultural que defina de maneira expressiva toda e qualquer segmentação artística e cultural, seja em pesquisa, manifestação artística ou representatividade. Citamos como exemplo, a literatura de cordel e todo o cenário de pluralidade cultural que o sertão pode oferecer.

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – 2015.

Assinam esse Manifesto:

Leandro Flores do Nascimento (Jornalista, poeta, escritor, designer gráfico e idealizador do Movimento Café com Poemas e do Cultivismo Brasileiro) e Celeste Maria Farias de Souza Dias (Editora, poeta, escritora, educadora, idealizadora do Movimento Café com Poemas e coautora do Cultivismo Brasileiro).

CONCLUSÃO

Concluiremos esse trabalho trazendo a poesia vencedora do concurso, alguns fragmentos poéticos e o Prefácio da Antologia Café com Poemas, para que assim, o sabor e a beleza poética, fixem em nosso ser, fortalecendo o desafio da nossa “desejável juventude”, ou se torne um aplicativo de reverberação do Bem Comum.

A poesia vencedora do concurso
SOBRE(OS)VIVENTES(DAQUI)
Esquivava-se na curva dos olhos
das dores e da má vontade,
desviando-se dia a dia de bala perdida
e da morte certa nas esquinas de seu bairro.

Seguia firme sem se preocupar com o seu karma,
mesmo em liberdade assistida (legado de seu passado escravo)
marca tatuada para sempre em sua pele negra,
eternizada em sua já tão maltratada carne.

Com a malícia da juventude e uma inacreditável habilidade,
seguia vencendo as suas guerras pessoais, todos os dias
segurava as pontas sem se sentir um covarde
e caminhava pisando firme o chão de terra vermelha de sua comunidade.

Da janela de sua casa, admirava o esgoto a céu aberto
que se misturava com o filete de água limpa da mina,
nascente que abundava sob a pedra onde coaxava o sapo,
(única paisagem natural restante) depois que decidiram “urbanizar” o bairro.

Com o corpo esguio e nariz para o alto, seguia em frente,
sem se empoderar de arrogância ou outro sentimento similar.
Com o corpo ereto e rijo, rompia o vento, de peito aberto,
coragem latente e sangue gotejando dos olhos.

A essa altura de sua vida,
já nem se esquivava mais de coisa alguma,
batia de frente e quase sempre sobrevivia.
(Por Júnio William - Belo Horizonte/MG)

Fragmentos poéticos
COMO POSSO SER?
(...)
Carne, minha carne!
Carne corrompida.
Minha carne impedida,
Impedida de ser.
Defloram minha alma.

Roubam os meus sentidos.
Está lá o meu corpo estendido!
Ignoram o meu rosto
E me reduzem a nada.
(Por Fabiana Salustiano – São José da Lapa/MG)

A ESSENCIA DAS AVES
(...)
As aves nobres, por natureza preservam a essência
Que fora atribuída pela transcendência de sua ninhada.
A virtude das aves nobres floresce em quaisquer estações
A essência das aves revela a identidade de todas elas
Não importa quanto tempo demore.
E você... qual das aves é?
(Por Rone Oliveira - Ribeirão das Neves/MG)

UM POEMA QUALQUER
Minha vida é baseada em talvez...
O talvez eu goste de garotas,
talvez eu não esteja tão feliz,
talvez eu queira amar alguém,
talvez minha mãe não seja tão presente,
talvez me dê vontade de sumir,
talvez eu chore de madrugada,
talvez eu esteja com medo,
talvez eu queira mudar.
Dizer o que não é! Apenas talvez.
(Por Laís Vilaça - Belo Horizonte-MG | E. Estad. Maria Luiza Miranda Bastos)

Prefácio

Um poeta e a doce insanidade dos seus versos já seria suficiente para incendiar corações, sublimar almas, tocar nas enigmáticas e inexploradas profundezas abissais de cada ser humano. Afirmo, novamente, sem nenhum receio: um poeta já seria suficiente! E, de repente, trinta e nove poetas se unem por meio da força de suas palavras e da beleza dos seus versos e reúnem os seus poemas em um só livro: uma Antologia Poética que nada mais é

senão a fusão e o entrelaçamento dos corações e almas destes oníricos poetas, transmutados em versos – ora doces, ora rudes – que decidiram fazer morada nas brancas folhas de um papel. Assusta-me – confesso! - O poder avassalador que possui as palavras; palavras que trazem em si a capacidade de transformar olhares, lapidar atitudes e aplinar as entrelinhas dos caminhos que elas percorrem, quer seja nas asas de uma suave brisa ou nas asas de um apocalíptico vendaval.

Assim sendo, trinta e nove poetas embriagados de sensibilidade e magia, emprestaram os seus inquietos úteros que acolheram palavras soltas, que foram se organizando e se alinhando em forma de versos; versos estes que geraram poemas revestidos das mais variadas roupagens, com o objetivo de cumprir a profética missão da poesia: anunciar o amor e denunciar toda e qualquer injustiça.

Eis que o livro toma forma... ganha vida e salta para as mãos do leitor, na certeza de que será acolhido com a inebriante alegria de quem soube esperar pacientemente pelo momento de acariciar cada palavra, beijar cada verso e se embriagar com cada poema!

TALVEZ, os RABISCOS poéticos contidos nesta coletânea levem o leitor a empreender uma VIAGEM ASTRAL e o faça descobrir ou redescobrir a verdadeira DIMENSÃO DO HOMEM, como elemento transformador e capaz de reescrever a sua própria história: uma história em que não haja a ESCRAVIDÃO servil à insensibilidade frente às injustiças cometidas contra as QUIMERAS de cada ser vivente; uma história em que não haja DESPUDORES, e nem a AUSÊNCIA de elementos e sentimentos vitais como a Ética, A ESPERANÇA e o mais PURO AMOR.

A poesia é como O CANTO DO PÁSSARO... é como bálsamo que por MAGIA elimina aquela DOR ANTIGA, cura INCERTEZAS de uma maneira TÃO SUBLIME que parece conduzir o ser humano para o MUNDO DOS SONHOS: um mundo em que a rima brinca com o verso... com o reverso... com o universo! Um mundo que apesar de tamanhas adversidades sempre ANDA para a frente, desconhecendo retrocesso, desencorajando o REGRESSO.

Seria a vida apenas uma mentira... fútil ilusão? Claro que não! Se assim fosse, eu te asseguro, não existiriam poetas; não haveria os seus lúdicos e extasiantes versos bailando como PÉTALAS AO VENTO, sobre as dores que curvam ombros ou sobre as fantasias que inflamam os olhares de cada ser. A vida pode ser efêmera, porém é densa, intensa, mágica, verdadeira... Ah! SE PROCURAS A VERDADE, pode ser que a encontres dormitando serena nas entrelinhas dos versos de um poeta que, de tanto amar a vida, num ato tresloucado, rasgou a alma e o coração e os “sepultou”, PEDAÇO POR PEDAÇO, nas brancas páginas deste livro, sob a forma de um poema sacro ou profano.

Poetas entendem de amor, de dor, de abandono, de solidão... Poetas sabem que o tempo escoia incólume por entre os dedos ressequidos e patéticos daqueles que acreditam ilusoriamente que possuem o poder de impedir a sua frenética caminhada rumo ao desconhecido de cada ser. A COR DO TEMPO é incolor! E é essa ausência de cor que colore fantasmagoricamente a essência de cada sonho e a indecência de cada pesadelo.

Assim sendo, o que resta a nós, poetas? Só nos resta gritar! NOSSO GRITO AINDA É ARMA! Cada verso grita o amor desfeito a machucar o peito; cada verso grita a dor que sangra e escorre pela parede da memória; cada verso grita a vida que sucumbe inútil e injustamente; cada verso grita a impotente vontade de se não morrer!

Se a poesia me revela que há um TEMPO FINITO... que nada sou... COMO POSSO SER? Stop!!! VAMOS TOMAR UM CAFÉ REAL?

Café com poemas... numa manhã de luz, numa tarde mansa, ou numa noite serena...

Café... poesia... fé... alegria... A vida cintilando... borbulhando... valendo a pena!

Alexandre Brito

Oficial da Força Aérea Brasileira, Ator e Poeta.

Belo Horizonte/Vespasiano-MG

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FARIAS, Celeste; FLORES, Leandro (Org.). *Antologia Poética Café com Poemas*. Série Novos Sabores. Salvador: Agilite Publicações e Interatividade, 2017.

O COMPARTILHAMENTO NA REDE SOCIAL: FACEBOOK E PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Cíntia Demaria¹

A atual organização social é caracterizada pelos novos meios de comunicação digital, que ultrapassam fronteiras geográficas e sociais. O sucesso das redes sociais digitais é fruto de um contexto mercadológico, que reflete aos novos bens de consumo – como celulares e internet de ponta, ao mesmo tempo em que acompanha a rotina humana cada vez mais objetiva, que anseia pela praticidade e economia de tempo.

Além de serem promotoras de suas próprias ideias nas redes sociais, as pessoas também compartilham ideias de outras em seus próprios perfis, em busca de visibilidade – que também pode ser compreendido por *likes* (ou curtidas). Mas qual é o real motivo do compartilhamento de postagens de outras pessoas? Em que ponto ele constroi a identidade do sujeito? Tornar público o pensamento de uma outra pessoa diz sobre o processo da formação da própria identidade?

Esse trabalho busca essas respostas por meio de uma pesquisa divulgada no Facebook, maior rede social do mundo, com os usuários desta mídia, sobre os motivos pelos quais eles compartilham ideias em seus próprios perfis públicos.

1 REDES SOCIAIS: PADRÃO DE COMUNICAÇÃO E INTERATIVIDADE

Rede social é um conceito antigo, originado muito antes da discussão sobre redes sociais virtuais, emergentes no século XXI. Ele está antes disso, relacionado às interações sociais, aos grupos, às relações entre as pessoas e elos sociais criados em comunidades.

Para a pesquisadora e autora do livro “A importância histórico social das Redes”, Laura Olivieri (2000), o conceito de interações sociais significa ações recíprocas entre indivíduos, que são necessárias para a organização de um determinado espaço. As interações sociais podem ser entendidas também como estabelecimento de relações entre os indivíduos, ou seja elas são relativas a “misturas” de pensamentos e ações entre sujeitos, por meio de várias maneiras e diferentes formas de linguagem.

É fato que a idade, classe social e gênero podem ser determinantes para o tipo de relação que vai acontecer, independente da rede. Entretanto, mais importante que isso, os comportamentos e opiniões ali expostos podem atravessar características individuais, pois quando um ponto de vista é compartilhado, o apoio ou a repulsa dos membros vai além da identificação com o indivíduo propriamente. Ele pode pertencer ou deixar de fazer parte de uma rede, simplesmente por tornar público o que pensa. Um exemplo disso foi o debate político ocorrido nas redes sociais virtuais durante o período eleitoral no Brasil, em outubro de 2014, que dividiu os grupos não por classes, idade ou sexo, mas por posicionamento partidário.

¹ Psicóloga com atuação em Clínica Psicanalítica, Jornalista e cofundadora da empresa de Comunicação Digital Chá de Conteúdo. E-mail: cikademaria@gmail.com

1.1 REDES SOCIAIS ONLINE

As primeiras redes sociais online surgiram em meados de 1990, quando a internet começou a se popularizar. Segundo a pesquisadora Martha Gabriel (2011), anteriormente a banda larga² a tecnologia não favorecia o “estar conectado” e a experiência era limitada. Hoje, além da banda larga física vivenciamos a disseminação da banda larga móvel tanto no Brasil como no mundo, o que potencializa a possibilidade de as pessoas estarem online o tempo todo.

Para a jornalista, professora e pesquisadora Raquel Recuero (2008), as redes sociais na Internet são redes de pessoas que estão interconectadas por sistemas que permitem que essas conexões sejam vias permanentes de informação. Assim, **mesmo quando não se está conectado à rede de computadores é possível receber informações que serão acessadas depois.**

Segundo Recuero (2008), as redes sociais representam gente, interação e troca social. As redes sociais dizem respeito às estruturas sociais formadas por pessoas ou organizações, essas por sua vez, partilham de interesses e/ou valores em comum.

As redes sociais têm adquirido importância crescente na sociedade moderna. São caracterizadas primariamente pela autogeração (podendo ser desenvolvida pelos próprios usuários) de seu desenho, pela sua horizontalidade e sua descentralização.

De acordo com Pierre Lévy (1996), o virtual seria um dos vetores fundamentais para a concepção de realidade e não algo fora dela. Para ele, há um movimento em direção ao virtual para além do campo da informática, que afeta amplos e diferentes segmentos sociais e existenciais.

Assim, podemos entender a virtualização como um processo inerente à condição humana, perpassando fenômenos técnicos, corpos, meios de comunicação, economia, processos sociais, dentre outros. O virtual, então, é não presencial, mas é presente, no sentido de existente, pois ele produz efeitos. Ele não é uma não realidade; destarte, ele não é falso, não se define em oposição àquilo que é real. Ele não se opõe ao real e sim, ao atual. Assim, opor o real ao virtual é um engano, pois o virtual é um acontecimento na ordem dos incorporais; ele é força produtiva, efetiva, sendo assim real na sua dinâmica e dimensão próprias.

1.2 O FACEBOOK

Apesar de permitir uma navegação didática, que utiliza de ícones visuais e termos coloquialmente assimilativos, o Facebook é uma rede complexa, com inúmeras possibilidades. A começar da diferença do uso por perfis de pessoas e empresas (também chamados de Fan Pages). Um oferece todos os tipos de interação como comentários, adicionar novas pessoas, participar de grupos etc, caracterizados, segundo o tutorial do próprio Facebook, como relações interpessoais. As páginas administradas por empresas, por sua vez, tem uma limitação

2 Conexão por internet que permite ao usuário navegar com uma velocidade superior à internet discada. O acesso discado tem a velocidade de até 56 Kbps enquanto a banda larga tem velocidade mínima de 128 Kbps.

onde só é possível ter fãs (e não amigos). O objetivo desta separação é oferecer uma barreira publicitária que possa ser inconveniente para o próprio usuário caso um perfil empresarial queira participar de um grupo, por exemplo, e ficar se auto promovendo o tempo inteiro.

Mais do que o veículo que publica, o usuário que compartilhou é que passa a ser fonte para os amigos que veem a publicação. Apesar da quantidade de atualizações, o Facebook não é uma rede para discussões muito profundas, mas de debates mais efêmeros e instantâneos. O Feed de Notícias é um espaço disputado, onde um bom texto de um jornal disputa atenção com a foto de família que alguém acabou de publicar. A publicidade dessas relações pessoais, possibilitadas inclusive pela tecnologia do consumo, ganham a preferência e a audiência da rede.

1.3 O COMPARTILHAMENTO E A IDENTIDADE

Em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, Stuart Hall (2006) discute três concepções diferentes de identidade: sujeito iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós moderno.

O primeiro é uma concepção individualista baseada em um ser humano centrado, unificado, racional, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior imutável. O essencial do eu era a identidade de uma pessoa. A ideia de sujeito sociológico, por sua vez, diz que o interior não é autônomo o suficiente e que é construído na relação com outras pessoas. Segundo Hall, nessa visão a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade. Já o sujeito pós moderno, segundo Hall, representa aquele que não tem uma identidade única e estável, mas fragmentada, composta por várias outras identidades formadas continuamente pelos sistemas culturais definidos historicamente e não biologicamente.

A partir da definição de Stuart Hall (2006), pode-se notar nas redes sociais online, o sujeito pós moderno, com uma identidade plural e instável, permeada por várias culturas – a começar pela comunicação sem limite de fronteiras físicas. O que o sujeito compartilha muda constantemente. Se ontem ele não se preocupava com política, hoje não há mais como ele não se posicionar, devido a pauta pública estabelecida por outros usuários ou até mesmo a partir de uma discussão que permeia outras mídias tradicionais, como rádio, televisão e impresso.

Quando diz que a identidade do sujeito pós moderno não está unificada em um “eu coerente”, Hall pode ser referenciado nas publicações feitas pelos usuários de redes sociais online. Enquanto o sujeito se classifica como alguém pacífico e paciente, na rede, ele pode se manifestar de diversas maneiras a partir de pontos de vista diferentes. Quando compartilha uma publicação de um terceiro, por exemplo, pode se posicionar, indiretamente, com uma opinião impositiva para aqueles membros de sua rede que discordam da sua maneira de pensar. Assim, sua identidade é multiplicada por diversas concepções, sendo coerentes ou não com o que ele se auto intitula.

1.4 REDES SOCIAIS E CONSUMO

No livro “Micropolítica: Cartografia do Desejo”, Guatarri e Rolnik (1996) dizem que a cultura de massa produz indivíduos normalizados, articulados uns aos outros a partir de sistemas hierárquicos, de valores e de submissão dissimulados. Segundo os autores, essa cultura desenvolve uma subjetividade no nível de produção e consumo inconsciente.

“É a própria essência do lucro capitalista que não se reduz ao campo da mais valia econômica: ela está também na tomada de poder da subjetividade”, afirmam. Os autores nos falam sobre uma subjetividade capitalística, sendo a cultura de massa o elemento fundamental. Para eles, esse movimento produz sistemas não interiorizados, ou como algo que deve ser preenchido, mas o que há é simplesmente uma produção de subjetividade. Não se trata de uma produção de subjetividade individuada (subjetividade dos indivíduos), mas uma produção de subjetividade social, que pode-se encontrar em todos os níveis de produção e consumo.

O limite da subjetividade não está no indivíduo, o que há é uma produção de subjetividade coletiva. A fronteira da subjetividade vai ser determinada pelos modos contemporâneos de produção de subjetividade, deslocando a noção de uma subjetividade pertencente ao indivíduo, somente a ele, como aquilo que lhe é próprio.

2. REDES SOCIAIS E A CONSTRUÇÃO DE PERFIS

Segundo Paula Sibília (2008) o indivíduo que se expõe na internet tem o desejo de ser visto e tornar-se “celebridade” por um momento, com o objetivo primordial de alcançar visibilidade. Em virtude disso, a privacidade não é levada em consideração. De acordo com Marta de Araújo Pinheiro (2007) para adquirir o status de “celebridade” as pessoas disponibilizam na rede o que fazem, seja grotesco, banal ou experimental com o intuito de serem vistas, já que há pessoas que querem ver e consumir o que outras pessoas produzem.

Em seu texto “A Psicologia na pós modernidade”, Joel Birman (1998) caracteriza o que chama de “ideal de valores” do sujeito moderno na sociedade de espetáculo. Segundo ele, trata-se de uma exibição e de uma teatralidade onde os atores se inserem como personagens na cena social.

De acordo com Birman (1998), na sociedade pós moderna é possível assistir a uma exaltação do eu e a estetização da existência promovida pelos indivíduos. Há, segundo ele, uma performance para sedução do outro, a partir da exibição constante de si mesmo. Essa construção se faz pelo universo da imagem e promoção da mídia, criadora do imaginário social. De acordo com Birman, a cena pública acompanha a imagem que não opõe o original e a cópia, pois ambos compõem o tecido social.

3 METODOLOGIA

A pesquisa baseou-se em uma amostragem de 83 questionários aplicados pela ferramenta online Google Docs e replicado pelo Facebook.

A participação foi voluntária e aberta na rede junto com um texto convidativo “Clique aqui para responder ao questionário”. Ele ficou disponível no período de 29/09/2014 a 07/10/2014. Como era de se esperar, a vida útil de uma publicação em Rede Social é de até 24h. Tendo em vista a quantidade de postagens em tempo real no Feed de Notícia dos usuários, rapidamente o post que continha o link da pesquisa ficou visível por pouco tempo.

A publicação do questionário obteve quatro compartilhamentos a partir do perfil autoral desta pesquisa. Como forma de reforçar o objetivo da rede, que também parte do pressuposto de uma construção colaborativa, os compartilhamentos obtidos foram voluntários e feitos principalmente, por estudantes de Psicologia que se identificam com a pesquisa e com o universo acadêmico.

3.1 UNIVERSO DA PESQUISA

O Facebook foi lançado em 2004 e é hoje, a rede social da internet mais popular do mundo. Em fevereiro de 2012, a rede somava mais de 845 milhões de usuários ativos, segundo dados divulgados pela própria empresa no site brasileiro de tecnologia Tectudo (www.techtudo.com.br).

3.3 ANÁLISE DE DADOS

Conforme já mencionado, embora o questionário aplicado via Google Docs tenha ficado durante nove dias no ar, a vida útil de visibilidade no feed de notícia dos possíveis participantes foi de apenas 24 horas. Em apenas um dia, recebemos as 83 respostas que totalizaram o número de respondentes. Depois disso não obtivemos mais nenhuma resposta durante os oito dias restantes.

3.3.1 Perfil dos respondentes

A maioria dos participantes foram mulheres, sendo que todos os respondentes tem um perfil no Facebook e a grande parte, tem entre 18 e 35 anos. Apesar dessa faixa etária, obtivemos um número mesclado de participantes, que envolveu desde um menor de 18 anos e quatro maiores de 55 anos, o que já indica que o pertencimento nesta rede independe do perfil etário.

Mais de 60% das pessoas disseram também participar de outras Redes Sociais além do Facebook, sendo na maioria a rede de fotos Instagram (www.instagram.com) e a rede Twitter, que permite a interação por postagem de textos curtos, de até 140 caracteres.

A maioria admitiu usar o Facebook principalmente para se informar com notícias ou acompanhar novidade de uma página que segue ou conversar com os amigos. Quando perguntados sobre o hábito de compartilhar postagens, 82% disse fazê-lo.

Dentre os motivos de compartilhamento, o objetivo de tornar público um posicionamento pessoal e a agilidade de reproduzir a informação foram as causas mais mencionadas. Palavras como incentivar um debate sobre um tema, tornar pública uma informação de utilidade para os amigos e ver se as pessoas se identificam com o que replicam também apareceram com frequência considerável. Ou seja, o compartilhamento sobre uma maneira de pensar para procurar saber quem também se interessa por aquela discussão, ajuda a construir a identidade de quem compartilha e fortalece a rede de interesses em comum.

Dentre os que disseram que não compartilham, os motivos mais mencionados foram: o conteúdo que pode ser de interesse pessoal pode não interessar à minha lista de amigos e o acúmulo de coisas desinteressantes e fúteis.

80% dos entrevistados disseram compartilhar conteúdos que aparecem em suas linhas do tempo ao invés de buscar uma informação que julga relevante na página de um terceiro com objetivo de compartilhá-la. Quando não é o autor de uma publicação originada na pergunta *No que você está pensando?* - que aparece em uma caixa logo que o usuário faz login no Facebook, podemos considerar duas possibilidades: ou o usuário é mais passivo e prefere receber a informação ou a quantidade de atualizações da sua rede supera a atenção em ir atrás de um conteúdo específico.

3.3.2 Conteúdos compartilhados

Humor e notícia lideram a lista dos temas mais compartilhados. Fotos de amigos e parentes e conteúdo político seguem a lista. A política, por sua vez, é um tema que esteve em pauta nas Redes Sociais com mais frequência no período em que o questionário foi disponibilizado, devido às eleições presidenciais no país.

Apesar do período eleitoral, o posicionamento dos indivíduos em dizer que se interessam em compartilhar conteúdos desta natureza ou até mesmo notícias, por exemplo, indica que se posiciona em relação ao que lê, sendo para reforçar uma opinião ou mesmo para criticá-la. Independente do objetivo, replicar um conteúdo significa afixá-lo em seu próprio perfil. Portanto, o desejo de se parecer alguém informado ou assumir um perfil 'construtivo' para quem o acompanha também diz sobre a identidade. Como mencionou Stuar Hall, na cultura pós moderna não há uma identidade formada biologicamente, mas uma construção instável pautada pelo contexto.

Assim, ao compartilhar uma publicação de política em um momento eleitoral, por exemplo, faz com que o indivíduo se porte, naquela situação, como alguém interessado em discussões políticas. Ainda que isso não fizesse parte da identidade dele, no momento em que a rede discute o mesmo assunto, ele passa a assumir uma postura semelhante.

Quando perguntados sobre a motivação para compartilhar uma postagem no Facebook, 46% disse que pretende divulgar informações para outras pessoas. Em seguida, aparece a causa 'se posicionar em relação a algum tema ou discussão específica', o que provavelmente também esteja relacionado ao período eleitoral, onde as pessoas se posicionam a favor ou contra os candidatos.

Entretanto, o objetivo de reproduzir conteúdo para os amigos é uma constante, o que remete ao usuário que não apenas 'assiste' a uma informação, mas acrescenta e divulga, que é um dos princípios da interatividade e participação social na internet. Ainda sobre essa questão 11% disse que compartilha para associar sua própria imagem ao conteúdo compartilhado e 7% diz que pretende obter "Curtir" dos amigos e fortalecer a imagem em relação as opiniões que tem. Portanto, pensando na construção de redes, o indivíduo assim se comporta a partir do *feedback* que recebe de outros e pode modificar-se na medida em que assume identidades de alguém que colabora com a rede trazendo informações e passa a ser aceito por isso.

Em relação à expectativa pós compartilhamento, 57% espera que os amigos vejam o conteúdo compartilhado e 20% deseja que alcance o maior número de pessoas possível, enquanto 31% não espera retorno algum. Ou seja, estes acompanham a lógica fluida e veloz do Facebook, podendo ser vistos como os sujeitos pós modernos, segundo Stuart Hall. São aqueles que não tem uma identidade única e estável, mas fragmentada, composta por várias outras identidades formadas continuamente pelos sistemas culturais definidos historicamente e não biologicamente. O indivíduo pode nem ser uma pessoa engraçada, mas quando compartilha esse tipo de conteúdo e espera ser visto pelos amigos assume esse papel naquele momento.

48% dos entrevistados afirmaram concordar parcialmente com a afirmação "Acredito que o conteúdo que eu compartilho no meu Facebook ajuda a reforçar a minha identidade perante meu círculo social", enquanto 39% disse concordar totalmente.

Foi perguntado aos entrevistados como eles definiriam um sinônimo de 'Compartilhar'. As palavras mais ditas foram: dividir, espalhar, informar, socializar, posicionar, interagir, conhecer, disseminar, opinar, ter voz, mostrar e expor ponto de vista. A discussão de redes encaixa-se perfeitamente nesse contexto, quando os entrevistados assumem que a interação e o compartilhamento são motivos para estarem ali, se relacionando com outras pessoas.

Da mesma forma, podemos dizer que apesar de integrar várias mídias e tentar ser um canal único de comunicação, o Facebook mantém ativo o princípio de ser uma rede social, onde quem compartilha é mais relevante do que a fonte do conteúdo compartilhado. É através dessa interação e a visão de "Compartilhar" que essas pessoas descrevem, que podemos assistir a rede acontecendo em sua essência. É nesta troca, portanto, que o indivíduo forma literalmente, o seu perfil na Rede Social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de redes sociais nunca foi tão relevante. O fenômeno que permeia a vida em sociedade agora acontece em frente aos computadores, tablets e celulares, o que apesar de seguir uma lógica capitalista, está muito longe de distanciar as pessoas. Nunca se viu uma rede com tanta interseção como se assiste agora.

Apesar de trabalhar há anos com essa ferramenta e com a Comunicação em um conceito de divulgação em massa para empresas, pensar o sentido do compartilhamento me faz rever toda a forma de interação na rede e reforça a hipótese de que não há participação descompromissada dos usuários. Quando compartilham, eles agregam valores aos seus perfis que estão publicamente visíveis aos amigos. Há, portanto, um processo de identificação e construção de identidade atrás de um reforço ocasionado do fenômeno de replicar uma informação.

Isso significa que as marcas, enquanto se posicionarem de forma publicitária simplesmente, jamais irão conquistar fãs. O engajamento e o interesse é humano e irá depor com o que o sujeito pensa. Atrás de uma atividade como curtir e compartilhar há um reconhecimento de si próprio e um desejo de dar visibilidade a um sentimento, forma de pensar e se posicionar em relação à rede. Durante a pesquisa recebi uma frase que representa bem o objetivo deste estudo: *“Não posto nada no meu Facebook para mostrar a quem pensa diferente que ele está errado. Posto para mostrar a quem pensa como eu que não está sozinho.”*

REFERÊNCIAS

- BIRMAN, Joel. **A psicopatologia na pós modernidade**. Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- GABRIEL, Martha. **Conversando com computadores: Interfaces de Voz na Web**. Ed Melo, 2011.
- GUATARRI, Felix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica . Cartografia do Desejo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: 2006, 11ª edição. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.
- LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- MARTELETO, R.M. **Análise das redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação**. Ci. Inf., Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. 1.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

OLIVIERI, Laura. **A importância histórico-social das redes:** rede de informações para o Terceiro Setor (2003).

<http://formacaoredefale.pbworks.com/f/A%20Import%C3%A2ncia%20Hist%C3%B3rico-social%20das%20Redes.rtf> Acesso em 01/04/2014.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** São Paulo, Sulina, 2009

COLETIVOS DE COMUNICAÇÃO NAS PERIFERIAS DE SÃO PAULO E MEDELLÍN: REDES, RESSIGNIFICAÇÕES E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS

Juliana Salles de Souza¹
Universidade de São Paulo
julianasalles@usp.br

O presente trabalho tem o objetivo geral de verificar de que maneiras coletivos de comunicação latino-americanos produzem conhecimentos sobre, para e a partir dos territórios em que atuam. São objetivos específicos do estudo: analisar como a temática dos direitos humanos é abordada nos processos comunicacionais e educacionais de tais grupos juvenis; e verificar quais são os papéis das redes – on e off-line - na produção de conhecimentos e de ressignificações de territórios periféricos latino-americanos. Nesta investigação, o conhecimento é compreendido à luz de Paulo Freire, segundo a qual conhecer não é um processo de transferência de conteúdos, mas sim de curiosidades, buscas constantes e ações transformados sobre e a partir da realidade. Tal cenário é investigado por meio do método dialético, na perspectiva do Diálogo de Saberes, cuja proposta é a inter-relação não hierarquizada de saberes com intenções de reconhecimento e compreensão mútuos.

PALAVRAS-CHAVE: coletivos de comunicação; conhecimentos; juventudes; periferias; redes.

The present paper has the general objective of to verify the Latin American's communication collectives producing knowledge about, to and from the territories in which they work. The study's specific objectives are: to analyze how human rights issues are addressed in the communication and educational processes of such youth groups; and to verify the roles of networks - on and off - in the production of knowledge and re-significances of peripheral Latin American territories. In this investigation, knowledge is understood from Paulo Freire, according to which knowledge is not a process of transference of contents, but rather of curiosities, constant searches and transformed actions on and from reality. Such a scenario is investigated through the dialectical method, in the perspective of the Dialogue of Knowledge, whose proposal is the non hierarchical interrelationship of knowledge with intentions of mutual recognition and understanding.

KEYWORDS: collective communication; knowledge; youths; peripheries; networks.

INTRODUÇÃO

Territórios periféricos são caracterizados por processos de exclusão, tais como encolhimento de direitos e acentuação de desigualdades em contextos neoliberais. Com base em incômodos com as narrativas elaboradas pelas mídias hegemônicas sobre as periferias, que se evidenciam em questionamentos como “notícia tem CEP?”, na luta pelo direito à

¹ Mestranda do Programa de Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (PROLAM-USP) desde 2017, pesquisadora vinculada ao Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Comunicação e Cultura (CELACC-USP) desde 2016 e graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade Paulus de Tecnologia em Comunicação (Fapcom) em 2015. E-mails: julianasalles@usp.br e jusalles94@gmail.com.

comunicação e por outros direitos humanos e no desejo de contar as histórias *sobre e com* os territórios em que vivem, jovens organizam-se em coletivos em periferias da América Latina.

Do jornalismo ao grafite, os grupos utilizam linguagens comunicacionais variadas, processos de educomunicação e outras iniciativas cujo princípio central - implícito ou explícito - é o Diálogo de Saberes, cuja proposta é a inter-relação não hierarquizada de saberes com intenções de reconhecimento e compreensão mútuos. As palavras-chave do Diálogo de Saberes são encontros, vínculos, subjetividades (reconhecimento do outro) e dissenso. O *Diálogo de Saberes* possui dimensões políticas, epistêmicas, intersubjetivas e estéticas, de acordo com Arbodela, Hernández e Valencia (2016).

O presente trabalho origina-se de uma pesquisa comparativa em andamento sobre naturezas, potencialidades e limites em processos de educação popular em coletivos juvenis de comunicação que atuam nas periferias de São Paulo (Brasil) e Medellín (Colômbia). O recorte aqui proposto tem o objetivo geral de verificar de que maneiras os coletivos produzem conhecimentos sobre, para e a partir dos territórios em que atuam. São objetivos específicos do estudo: analisar como a temática dos direitos humanos é abordada nos processos comunicacionais e educacionais de tais grupos juvenis; e verificar quais são os papéis das redes – on e off-line - na produção de conhecimentos e de ressignificações de territórios periféricos latino-americanos.

A pesquisa, como um todo, é realizada por meio de um mapa teórico de limites tênues, em processo de elaboração desde 2015, o qual é composto por latitudes (Estudos Culturais Latino-Americanos e Estudos (inter) culturais de corte decolonial), longitudes (Geografias da Comunicação, cujos questionamentos orientadores são: “Como a comunicação produz o espaço?” e “Como o espaço produz a comunicação?”) e o espaço/ ambiente no qual as coordenadas geográficas se formam, compreendido pela Sociedade em Rede. Neste artigo, tal mapa servirá apenas como pano de fundo para a compreensão de conceitos aqui citados, como interculturalidades, territórios, cotidianidades e redes.

Nesta investigação, o conhecimento é entendido à luz da filosofia prática de Paulo Freire, segundo a qual conhecer não é um processo de transferência de conteúdos, mas sim de curiosidades, buscas constantes e ações transformadoras sobre e a partir da realidade (cf: FREIRE, 1975). Ter Freire como referência significa, entre outros itens, ter a prática de pensar a prática (cf. FREIRE, 1978, p.155).

No caso de São Paulo, o *corpus* da pesquisa é composto por processos e produtos do coletivo *Periferia em Movimento*, que atua no Extremo Sul da capital paulista (Cidade Dutra, Grajaú, Parelheiros e Marsilac). Criado a partir de um projeto experimental de conclusão de curso (TCC) em 2009, o coletivo tem como lema “jornalismo sobre, para e a partir das periferias”. A partir de 2015, o grupo ampliou as atividades e, além da produção de conteúdos, também começou a promover atividades educomunicativas, com oficinas para adolescentes e jovens no projeto *Repórter da Quebrada*. Reforçar narrativas “de dentro para dentro”, estimular visões críticas sobre as mídias hegemônicas e lutar pela garantia de direitos a partir da comunicação são objetivos da iniciativa.

Em Medellín, o coletivo integrante do *corpus* é o *Ciudad Comuna*, cujos processos são desenvolvidos no âmbito da Comuna 8 (Villa Hermosa). Também criado em 2009 por jovens - em sua maioria, habitantes das bordas urbanas de Medellín (GARCÍA; MONTOYA, 2016), o grupo participa da promoção de processos sociais de comunicação a partir de perspectivas ligadas a geração de meios de comunicação, com construção de narrativas com enfoque social, desenvolvimento de observatório de meios, investigações colaborativas, construção de propostas de educação popular no âmbito comunicacional, entre outras. Ainda em 2009, o *Ciudad Comuna* foi um dos responsáveis pela criação da Escuela de Comunicación Comunitaria em Medellín, a qual conta com cursos e oficinas nas áreas de jornalismo e audiovisual.

Tal cenário é investigado por meio do método dialético, na perspectiva do Diálogo de Saberes. As finalidades do estudo são comparativas e exploratórias. São utilizados procedimentos de investigação bibliográficos e observacionais. Por tratar-se de uma investigação em andamento, a natureza das fontes de pesquisa varia de acordo com o coletivo integrante do *corpus*. Tanto no caso de São Paulo como em Medellín, houve mescla de fontes de natureza bibliográfica (livros e artigos científicos) e documental (relatos de processos e produtos produzidos pelos coletivos e pelas redes as quais eles pertencem). Entretanto, trabalhos de campo foram realizados apenas em São Paulo até o presente momento, com observação participante de seis oficinas realizadas pelo coletivo *Periferia em Movimento* com jovens de 13 a 18 anos e educadores, e da Virada Comunicação, evento promovido pela Rede Jornalistas das Periferias (SP) em setembro de 2017. Ao longo de 2018, serão realizados trabalhos de observação participante e sistematização de experiências em Medellín e São Paulo.

A seguir, realizar-se-á uma revisão sobre a concepção de Paulo Freire acerca do conhecimento e o papel de tal perspectiva no Diálogo de Saberes. Em seguida, serão mostradas as formas pelas quais os coletivos de comunicação constroem conhecimentos sobre, para e a partir dos territórios periféricos, assim como o papel das redes em tais processos. Ao longo dos trajetos textuais aqui traçados, serão abordadas ainda as relações entre as cotidianidades periféricas, os direitos humanos e os processos dos coletivos de comunicação.

CONHECER: VERBO TRANSITIVO (E COLETIVO)

Estudar as formas de produção de conhecimento em ações coletivas juvenis na contemporaneidade traz à tona a necessidade de citar pedagogias freireanas e as principais categorias existentes nelas. Tais processos englobam participação, problematizações, a pedagogia das perguntas, dialogicidade, valorização (e não idealização) das culturas populares, a visão das experiências cotidianas a partir de reflexões críticas, além da consciência da condição de inconclusão ontológica do ser humano - por ser inconcluso, o humano se torna um ser de busca permanente e, portanto, está sempre aprendendo e conhecendo.

Em outras palavras, na perspectiva freireana, o ato de conhecimento envolve diálogos e sujeitos cognoscentes, em esforços de leitura e re-leitura da realidade, dentro de processos

de transformação social, trajeto entendido por Freire como ação cultural. O conhecimento não pode ser transferido, mas sim construído e reconstruído com educadores-educandos e educandos-educadores. “Que conhecer, como conhecer, para que conhecer, em favor de que e de quem conhecer, portanto, contra que e contra quem conhecer” (FREIRE, 1978, p. 112) são questões enumeradas por Freire as quais permeiam processos de conhecimento, nem sempre de forma consciente. Freire sintetiza que:

Conhecer, na dimensão humana, que aqui nos interessa, qualquer que seja o nível em que se dê, não é apenas o ato através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que outro lhe dá ou impõe.

O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhece e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato. (FREIRE, 1975, p.27)

Os conhecimentos são produzidos, portanto, sobre e a partir do cotidiano. Desse modo, as vivências contribuem para a compreensão e ressignificação de fenômenos. É válido ressaltar ainda que processos de construção de conhecimentos são vivos e sempre estão em transformação. A inconclusão ontológica do ser humano e a necessidade do diálogo, o qual “só existe quando aceitamos que o outro é diferente e pode nos dizer algo que não conhecemos” (FREIRE, 1985, p.19) reafirmam o papel do Diálogo de Saberes em tais processos. As problematizações e reflexões críticas acerca do cotidiano, realizadas entre diferentes atores sociais, também são responsáveis pelo caráter coletivo e em constante mudança - mas também modificador - atribuído ao conhecimento.

Entre os coletivos de comunicação, surgem diferentes formas de produção de conhecimentos. O ponto de partida é um denominador comum: a partir das cotidianidades periféricas, marcadas, entre outros fatores, por violações aos direitos humanos. Nas oficinas de educomunicação com as juventudes do Extremo Sul de São Paulo - região que engloba o distrito mais populoso da capital paulista, o Grajaú -, por exemplo, a produção de conhecimentos ocorre por meio de problematizações iniciais relacionadas às definições de comunicação e jornalismo, de perguntas subsequentes que relacionam comunicação, direitos humanos e cotidiano (Comunicação para quê?; Fofoca é notícia?; Quem define o que é notícia?; O que é notícia na minha quebrada?; Como a sua quebrada é representada na mídia; O que são direitos humanos?; Como garantir os direitos humanos), além de incentivos à participação, para interpretar a realidade a partir de um ato coletivo, a partir da mediatização do objetivo de desvelar práticas jornalísticas nas periferias.

2 Gíria paulistana utilizada para mencionar um território periférico.

O diálogo de saberes entre comunicadores diplomados por faculdades e estudantes também contribui para a construção de novos conhecimentos sobre, para e a partir dos territórios periféricos. Os resultados são variados, de acordo com o grupo e as condições disponíveis: cartazes, fanzines, jornais, revistas, vídeos, entrevistas, meme-reportagem, entre outros itens.

Aline Rodrigues, jornalista e educadora-educanda do *Periferia em Movimento*, comenta sobre a produção de conhecimentos sobre, para e a partir do coletivo:

Produzir conhecimento, levar conhecimento para as pessoas e, enquanto jornalismo periférico, levar conhecimento para as pessoas que geralmente não são contempladas nessa produção jornalística de conhecimento. Não se cuida, não se respeita, não se considera as visões das periferias, as demandas das periferias, as pautas das periferias. Então, quando a gente se propõe a fazer um jornalismo periférico, estamos cuidando dessa parcela da população, parcela dos territórios que não são geralmente considerados, valorizados. Não é só produzir conhecimento, mas é produzir memória porque, quando você tá falando de histórias, de culturas, de pessoas que geralmente não são faladas, não têm espaço de registro, e aí de repente a se propõe a fazer isso, a gente tá gerando uma memória. É incrível pensar que daqui a 20 anos, a gente vai saber contar muito melhor a atuação da população periférica, as culturas, as demandas do que se tem 20 anos pra trás, e isso é muito poderoso para nossa representatividade, daqui a 20 anos conseguir ter dados, ter depoimentos que nos posicionem na sociedade. Que não seja mais privilégio de poucos e que com essa produção de conteúdo, de conhecimento, de memória, consiga ilustrar melhor o quanto nós somos importantes para a sociedade, o quanto nós somos atuantes na sociedade. (RODRIGUES, 2017)

De acordo com o Observatorio de Juventud de Medellín, com base em dados do Proyección de Dane (2017), há 551.853 jovens na cidade, o equivalente a um quarto da população da capital do departamento de Antioquia. Destes, 76% tem idade entre 18 e 28 anos e os outros 24%, de 14 a 17 anos. 18% da população jovem de Medellín é refugiada. Na Comuna 8, há cerca de 35 mil jovens de 15 a 29 anos, de acordo com projeções da Prefeitura da cidade.

Em tal cenário, a produção de conhecimentos e o Diálogo de Saberes extrapolaram os limites geográficos da comuna e ganharam novas faces. Neste trabalho, há espaço para destacar duas delas: o diálogos desierarquizados entre coletivos e meio acadêmico e o desenvolvimento de metodologias de autoria dos coletivos para a apropriação social do território. O *Ciudad Comuna*, em conjunto com a Universidad de Medellín e com os coletivos *Pasolini en Medellín* e *Con-Vivamos*, já foram produzidos e-books sobre Diálogo de Saberes

na comunicação, ressignificação de territórios e também sobre comunicação para a mobilização e mudança social.

No caso específico do *Ciudad Comuna*, as atividades da *Escuela de Comunicación*, as investigações colaborativas e outros momentos de diálogo de saberes resultaram em uma metodologia de produção audiovisual - e de produção de conhecimentos - denominada Documental Social Participativo (Documentário Social Participativo - DSP), marcada por relatos documentais nas narrativas, imagens que reforcem as leituras comunitárias das realidades sociais e de poucas intervenções do narrador em off. A orientação filosófica do DSP é baseada em perspectivas como apropriação social do conhecimento, comunicação para a mobilização e empoderamento de pessoas e comunidades.

De acordo com o *Ciudad Comuna* (GARCÍA; MONTROYA, 2015, p.66), o DSP é definida por quatro processos (narrativa audiovisual com ênfase na realização de um documentário direto; diagnóstico rápido participativo; formação em comunicação comunitária com ênfase na narrativa audiovisual; e desenvolvimento de observatórios participativos sobre realidades, problemáticas e processos sociais comunitários com enfoque territorial) e três princípios (construção participativa e dialógica de olhares sobre a realidade e nos processos sociais a documentar; diálogo de saberes e reconhecimento do saber social e comunitário dos atores sociais que participam dos documentários; e apropriação social dos meios como recursos para promover o empoderamento e a mobilização social dos processos sociais e comunitários que se desenvolvem em contextos de opressão e marginalização social).

PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS EM REDES

Tendo em vista o caráter coletivo da produção de conhecimentos já destacado anteriormente, a organização em redes é outro caminho percorrido pelos coletivos nas ações de luta pelo direito à comunicação. Tais redes não devem, porém, ser reduzidas apenas às redes sociais digitais (*Facebook, Instagram, YouTube, Twitter*, entre outras). Nesse sentido, é válido relembrar a concepção de rede apresentada por Manuel Castells (2003):

redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio.” (p.566)

Redes não dependem do espaço da world wide web para existirem. Entretanto, o uso de novas tecnologias da informação e da comunicação (NTICs) é comum - mas não determinante - a processos comunicacionais e educacionais em tais estruturas na atualidade. Coletivos de comunicação nas periferias organizam-se e atuam em redes com intuítos ligados

ao fortalecimento de processos de formação, reflexão, ressignificações, produção de conhecimentos, resistências e re-existências.

Além da Escuela de Comunicación Comunitaria e das redes estabelecidas entre coletivos e universidade, o *Ciudad Comuna* também tem envolvimento com a *Red de Investigadores Comunitarios* acerca da segurança humana em Medellín. O projeto surge a partir da perspectiva do *Diálogo de Saberes* entre academia e organizações sociais, com “el objetivo de coproducir conocimientos y promover procesos que posibiliten la seguridad humana para todas y todos” (OBSERVATORIO DE SEGURIDAD HUMANA, 2017, p. 4). Na percepção da Rede de Investigadores Comunitários de Medellín (IC), redes são tecidas por pessoas, grupos ou instituições com um objetivo em comum, que funciona como elemento integrador.

Com base no texto “Modelos de redes comunitarias para la detección, apoyo y referencia de casos de violencia de género”, da Red Nacional de Refugios (Colômbia), a IC cita que vínculos entre membros de uma rede podem ser estabelecidos a partir de semelhança e interdependência de valores, visões, ideias, projetos, condições sociais, métodos ou enfoques. Participação voluntária, reconhecimento mútuo de saberes e compartilhamento de experiências acumuladas são condições para a constituição de uma rede. Na visão da Rede de Investigadores Comunitários:

El papel más importante de las redes es el posicionamiento de agendas conjuntas que planteen necesidades, problemas, visiones y estrategias, sin traicionar la tradición y cultura de las comunidades, problematizando aquellas prácticas nocivas que violan sus derechos humanos. (OBSERVATÓRIO DE SEGURIDAD HUMANA, 2017, p. 6)

No caso de São Paulo, o nascimento e crescimento de tais coletivos de comunicação resultaram na criação da Rede Jornalistas das Periferias, a qual reúne 13 grupos que atuam em diferentes periferias paulistanas e enxerga-se como uma das vozes sobre as periferias da cidade. Ao falar sobre as atividades desenvolvidas, a Rede Jornalistas das Periferias destaca:

O que fazemos é continuidade de processos construídos em séculos de história: da Revolta dos Búzios (1798), em que a população negra de Salvador utilizou panfletos para inflamar a revolução e o fim da escravidão, ao “O Homem de Cor”, primeiro jornal negro do Brasil, criado em 1833, no Rio de Janeiro; dos jornais operários do início do século 20 às rádios-poste dos movimentos populares das periferias nos anos 1970 e 1980; do samba ao rap e, mais recentemente, o funk; de Carolina Maria de Jesus aos milhares de autores e autoras que gestam nos saraus de botecos e esquinas a literatura marginal-periférica. Somos frutos da luta de nossos antepassados, do acesso à universidade e da apropriação das tecnologias digitais, nos constituímos na defesa dos direitos de quem divide o mesmo chão e acreditamos

na mobilização de quem está à margem em prol de uma sociedade mais justa, plural e democrática. (REDE JORNALISTAS DAS PERIFÉRIAS, 2017)

Por meio de redes diversas - on e offline - é possível construir, mas também divulgar conhecimentos construídos sobre um determinado tema. Em uma reportagem sobre direitos sexuais e reprodutivos desenvolvida por educandas-educadoras do *Periferia em Movimento* em 2017, foram utilizados memes para construir a narrativa. O processo incluiu pesquisas aprofundadas sobre o tema, escolha de personagens e paisagens para a criação das fotos que resultariam nos memes e seleção de uma linha narrativa que se assemelha aos memes criados de forma espontânea nas redes sociais digitais. Nas produções audiovisuais e textos veiculados pelo *Ciudad Comuna*, a temática dos direitos humanos também está presente. Tanto no caso de São Paulo como no exemplo de Medellín, a garantia dos direitos humanos tem protagonismo tanto nos processos, como nos produtos. As abordagens são variadas e podem manifestar-se em fanzines, cartazes, saraus, vídeos, memes, entre outras linguagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Coletivos juvenis que centram suas atuações no direito à comunicação produzem conhecimentos a partir de reflexões sobre cotidianidades periféricas, processos os quais podem ocorrer em oficinas com jovens, entrevistas e conversas com sujeitos periféricos, diálogos com o meio acadêmico, registro de memórias, entre outros trajetos.

Tais coletivos atuam em redes – on e off-line – e desenvolvem processos e produtos – de e-books a reportagens em memes - cujas narrativas são ligadas ao protagonismo territorial, cotidianidades, interculturalidades, apropriação e ressignificação das novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs), diálogos e defesa dos direitos humanos e visão da comunicação como meio de mobilização e mudança social.

Ao produzir conhecimentos sobre as periferias por meio do Diálogo de Saberes e dar voz aos sujeitos periféricos, os coletivos ressignificam-nas. Tendo em vista que as pedagogias freireanas se complementam e complexificam-se, pode-se afirmar que tais grupos reinventam Paulo Freire na atualidade por meio de seus processos e produtos. Em suma, os coletivos juvenis de comunicação têm em mente, consciente ou inconscientemente, que “mudar o mundo é tão difícil quanto possível” (FREIRE, 2000, p.20).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBODELA, María C. Pinto; HERNANDÉZ, César A. Tapias; VALENCIA, Gladys L. Acosta (orgs.). **Diálogo de Saberes en Comunicación: Colectivos y Academia**. Medellín: Universidad de Medellín; Sello Editorial Universidad de Medellín; Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina. Ediciones CIESPAL, Corporación para la Comunicación Ciudad Comuna; Corporación Pasolini en Medellín; Corporación Con-vivamos, 2016.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. (Vol. 1: Economia, sociedade e cultura)

FAUNDEZ, Antonio; FREIRE, Paulo. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Educação e Comunicação)

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GARCÍA, Leonardo Jimenez; MONTTOYA, Ángela Garcés. **Comunicación para la movilización y el cambio social**. Universidad de Medellín; Sello Editorial Universidad de Medellín; Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina. Ediciones CIESPAL, Corporación para la

Comunicación Ciudad Comuna; Corporación Pasolini en Medellín; Corporación Con-vivamos, 2016. Disponível em: <http://www.ciudadcomuna.org/ciudadcomuna/noticias/item/libro-comunicacion-para-la-movilizacion-y-el-cambio-social.html>. Acesso em: 03 mar. 2017.

GARCÍA, Leonardo Jiménez; MONTTOYA, Ángela Garcés. **Metodologías en Diálogo de Saberes**: para resignificar el territorio. Universidad de Medellín; Corporación para la Comunicación Ciudad Comuna; Corporación Pasolini en Medellín; Corporación Con-vivamos, 2015. Disponível em: <http://www.ciudadcomuna.org/ciudadcomuna/noticias/noticias-2015/item/metodologias-en-dialogo-de-saberes.html>. Acesso em: 25 mai. 2017.

OBSERVATORIO DE JUVENTUD DE MEDELLÍN. 1 vídeo (1min59s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4Rz_SUmlw50. Acesso em: 20 dez. 2017.

OBSERVATORIO DE SEGURIDAD HUMANA. Red de Investigadores Comunitarios: puntadas y nudos de un tejido en construcción. Medellín, 2017. Disponível em: <http://www.repensandolaseguridad.org/biblioteca/publicaciones/item/red-de-investigadores-comunitarios-puntadas.html>. Acesso em: 09 dez. 2017.

REDE JORNALISTAS DAS PERIFERIAS. **Notícia tem CEP? Tem gênero, raça, classe social?** Disponível em: <https://www.viradacomunicacao.org/oquee>. Acesso em: 30 set. 2017.

RODRIGUES, Aline. **Entrevista** [31 jul. 2017]. Entrevistadora: Juliana Salles de Souza. São Paulo, 2017, 1 arquivo em mp3 (10 min.) [via WhatsApp]

ADOLESCENTES E O USO SINTOMÁTICO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS: O LUGAR DA PALAVRA¹

Juliana Tassara Berni - UFMG
jutassara@hotmail.com

Márcio Rimet Nobre - UFMG
marcionobre205@hotmail.com

Nádia Laguárdia de Lima - UFMG
nadia.laguardia@gmail.com

Patrícia da Silva Gomes - UFMG
pgpsicologa@gmail.com

A contemporaneidade nos impõe uma nova realidade: a virtual. A internet teve sua origem no final da década de 1960, com finalidades militares estratégicas, mas foi em meados dos anos 1980 que passou para o domínio público/privado. Desde então, vem, a cada ano, ganhando milhares de novos usuários, tendo se tornado um meio de comunicação em rede de escala global e adquirindo um novo estatuto social. Como ressalta Castells (2003):

[...] é o tecido de nossas vidas. [...] a internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto a um motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo domínio da atividade humana. (p.7)

A internet introduziu, portanto, características únicas às relações sociais, ao possibilitar a criação compartilhada de um espaço virtual, onde bilhões de pessoas se conectam em rede, sem fronteiras ou hierarquias. Tal fato a diferencia consideravelmente de outros meios de comunicação de massa que a precederam (PENA, 2016).

De acordo com Lévy (2003), o ciberespaço funciona como um novo lugar de sociabilidade, originando novas formas de relações sociais, com códigos e estruturas específicos. O autor propõe o termo cibercultura para se referir a essa cultura que surge a partir do uso da rede de computadores, da comunicação virtual, da indústria do entretenimento e do comércio eletrônico. Atualmente expressão cultura digital vem ganhando adeptos no que se refere a este arcabouço simbólico e coletivo mundial que surge a partir do intenso uso de tais tecnologias.

¹ O presente trabalho resulta de projetos de pesquisa e extensão implementado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG, e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Mas, se a cultura digital nos apresenta uma vasta gama de possibilidades, ela não nos isenta de riscos. Como nos dizia Freud (1996[1930]), os perigos nos atingem seja vindos da realidade externa, seja a partir de nossa realidade interna ou, em termos que nos são mais familiares, da realidade psíquica. No âmbito do ciberespaço, entretanto, esses campos de diferentes realidades parecem encontrar um ponto de fusão que inspira cuidados. O jovem passa facilmente de uma a outra dessas realidades e parece cada vez mais imerso e bem adaptado à realidade virtual, uma vez que, por suas características, o ciberespaço se mostra mais suscetível a atender às urgências características da adolescência, sendo bastante permeável à dimensão do prazer e da fantasia (NOBRE, 2014).

A cultura digital está vinculada ao contexto social, político e econômico. Desde a modernidade, acompanhamos o declínio dos grandes referenciais simbólicos ordenadores da cultura, com o crescente descrédito nas figuras de autoridade e de poder. A partir da incidência de duas guerras mundiais deflagrou-se o questionamento dos usos do saber científico e da técnica para o progresso humano. Acompanha-se a isso o incremento da desqualificação dos valores e ideais coletivos que organizam a vida social (LAURENT, 2007).

A época atual, de acordo com Lipovetsky (2005), situa-se na segunda fase da sociedade de consumo e pode ser nomeada como hipermoderna. Para ele, vivemos em uma sociedade liberal, centrada no enfraquecimento dos grandes sistemas de sentidos, no culto ao corpo e na busca de satisfação imediata.

A partir das premissas contemporâneas do presenteísmo e do hedonismo, um recorte específico vem se tornando motivo de preocupação. Trata-se da constatação do uso excessivo dessas ferramentas, especialmente pelos jovens, que utilizam a rede para a socialização, comunicação e acesso a informação. Mas este excesso, caracterizado, entre outros, por comportamentos de auto-exposição, pelo acesso fácil a qualquer tipo de conteúdo, como a participação em grupos que incitam o suicídio, o ódio ou as condutas de risco, faz com que esse uso seja visto com apreensão por pais e educadores.

“A escola se queixa de perder o controle diante dos alunos que não se desconectam de seus gadgets” (BERNI et al., 2014). As medidas adotadas pela escola são, sobretudo, o reforço do controle, como a proibição do uso dos aparelhos celulares em seu espaço físico. Essas medidas, entretanto, parecem ter pouco efeito e os alunos continuam utilizando intensamente os seus celulares em sala de aula e nos diversos ambientes da instituição.

É nesse contexto que surge o projeto Conversação nas escolas: adolescentes e redes sociais. O projeto visa intervir junto aos adolescentes da escola, criando momentos de reflexão nos quais a utilização do ciberespaço possa ser interrogada pelos jovens. Buscamos investigar o uso que os adolescentes fazem dessas redes e criar espaços dialógicos entre eles, possibilitando o surgimento de questionamentos e reflexões, dando lugar às subjetividades no contexto coletivo (LIMA, 2013).

A metodologia de conversação pode ser compreendida como uma associação livre coletivizada em que a oferta da palavra circula no grupo. Os grupos de conversação ocorrem

semanalmente, em horário pré-estabelecido pela escola. Cada grupo é conduzido por um psicólogo, acompanhado por um aluno da graduação em Psicologia, responsável pelo registro dos encontros.

Acreditamos que, em vez de tentar impedir a utilização das tecnologias digitais pelos jovens, é preciso antes buscar conhecer os usos que eles fazem destes dispositivos. Assim é possível localizar não somente os impasses, riscos e dificuldades, mas também os recursos e possibilidades existentes no uso do ciberespaço. A rigor, a intensificação do uso de tecnologias não apenas por adolescentes, mas também por adultos, o que inclui professores e demais envolvidos na comunidade escolar, por si só torna inócuas as tentativas de legislar contrariamente à presença de gadgets por parte de alunos. Durante as conversações, alguns adolescentes relatam, às vezes em tom de crítica ou de queixa, o uso de smartphones por professores mesmo em sala de aula.

Buscamos, então, localizar um ponto de mal-estar no uso que cada adolescente faz das redes sociais. Ao dar a palavra ao adolescente, esperamos que ele possa nomear, de forma própria, esse mal-estar (LIMA et al., 2015)

Trazemos aqui algumas reflexões sobre um trabalho de conversação realizado com um grupo de seis meninas e apenas um menino, todos com 13 anos. No primeiro encontro, quando perguntadas sobre por que escolheram participar do trabalho, elas dizem que é pra ficarem juntos e porque todos gostam de redes sociais. Todos dizem usar várias redes sociais que enumeram: Facebook, Instagram, Whatsapp, Vine, Snapchat, Kiwi, YouTube, Skype, dentre outras.

Os adolescentes dizem que passam horas por dia na internet, que não desgrudam do celular e que não saberiam o que fazer se ficassem sem internet. É interessante observar que, sobretudo as meninas do grupo, qualificam como excessivo o uso que fazem da internet: “Eu não largo o celular pra nada”, diz Regina; “Sou bem viciada mesmo”, completa Luísa; “Pode até acabar a luz, enquanto tiver o 3G, tá de boa. Mas se ficar sem internet, aí eu fico louca”, problematiza Tainá.

Os jovens também falam com bastante crítica do uso que pais e familiares fazem das redes sociais: “Minha tia é aquela que fica postando o tempo todo. Um dia eu tava do lado dela e ela postou que estava no Rio de Janeiro. Aí eu falei, ‘Tia, você tá aqui. Para com isso, que coisa louca’. Mas ela não para, não”, denuncia Cláudia. Outra jovem, Isabela, também se queixa: “Minha mãe fica postando foto minha toda hora. Ela não quer postar as delas porque ela acha que ela tá feia, aí fica postando as fotos de quando eu era neném”.

Nesse grupo, parece haver uma identificação muito maciça entre as meninas. Elas dizem gostar das mesmas coisas, vão aos mesmos lugares e se vestem da mesma maneira. Um dia, orgulhosas, exibiram os sapatos exatamente iguais que usavam: seis pares de sapato da mesma marca e cor. É através do WhatsApp que fazem essas combinações e, assim, aparecem na escola num dia com o mesmo sapato, noutro com o mesmo penteado, etc.

É interessante observar a forma como usam as redes sociais. Todas sabem as senhas umas das outras e acessam, sem pudor, as contas das amigas. Muitas vezes, fazem isso pra “zoar” a outra, publicando uma foto em que julga que a amiga está feia ou fazendo algum outro tipo de brincadeira. Esse hábito, o da “zoeira”, parece servir para unir ainda mais o grupo, dando a sensação de pertencimento, pois como explicam, elas não zoam qualquer um, só quem é do grupo. Quando a animadora da conversação pergunta por que revelam suas senhas para as outras, elas respondem quase que em coro: “confiança”. Explicam que têm que confiar umas nas outras.

Essas meninas criaram uma espécie de clube de melhores amigas. O clube tem nome e perfil no Facebook e no Instagram. Todas têm a senha de acesso e publicam, a todo momento, fotos de si mesmas na escola e em outros ambientes. Elas dizem ser “populares” na escola e medem essa popularidade através do número de “amigos” e “curtidas” nas fotos. Muitas vezes, durante a conversação, postavam fotos e ficavam acompanhando as curtidas de modo que sempre estavam todas envolvidas e muito entusiasmadas com o “alto desempenho” de suas páginas.

O excesso é um traço marcante para esse grupo não apenas no uso das redes sociais. Elas também estão sempre aprontando na escola. Já foram pegas com bebidas, às vezes ficam aos beijos com garotos nos corredores e se envolvem em brigas com outras meninas, mas não costumam ter problemas com notas. Elas mesmas dizem que estão sempre sendo chamadas no setor de psicologia e que já estão no limite, pois, se aprontarem mais alguma, as consequências serão mais sérias.

Na puberdade, o sujeito é despertado para o real do sexo. Nesse despertar depara-se com os impasses em responder aos enigmas da vida e da morte. É nesse contexto que, a partir da psicanálise, consideramos a adolescência um tempo lógico de intenso trabalho e de formulação de uma resposta a esse não saber. Stevens (2004) coloca que a puberdade é o momento em que o sujeito é confrontado, da forma mais crua possível, com a impossibilidade da relação sexual, ou seja, com o encontro com o real do sexo. A adolescência é, então, o sintoma que vem preencher esse conjunto vazio interposto para o sujeito pela não-relação sexual.

Na puberdade, o real da sexualidade irrompe como enigma, um vazio de sentido, um não saber diante da impossibilidade de complementaridade entre os sexos, que se torna questão incontornável para o sujeito. A maturação do corpo não torna possível a relação sexual. Pelo contrário, nesse momento escancara-se a impossibilidade dessa relação. (VIOLA et al., 2017b, p. 159)

Nesse sentido, a adolescência é, enquanto resposta única e particular, um sintoma da puberdade. A irrupção da sexualidade na puberdade faz surgir um vazio e, diante desse vazio, o adolescente deve construir sua saída singular.

Este confronto com o real do sexo faz abalar a imagem corporal e mostra a impossibilidade simbólica de nomear essa experiência, o que provoca um furo no saber. Para Viola

(2017a), o despertar da puberdade no corpo estabelece um ponto de sombra e embaraço na relação do sujeito com o saber e contribui para a reconstrução do eu. Ainda para a autora, nessa reconstrução a imagem de si está envolvida e se mostra suscetível à vacilação, ao mal-estar e à angústia (2017a). Tais elementos somados à pulverização dos referenciais simbólicos e à forte presença da imagem na cultura atual, potencializada pelas tecnologias digitais, tendem a provocar o fortalecimento das identificações imaginárias.

Através das fotos, roupas, comportamentos e posturas “semelhantes” as adolescentes buscam certo ordenamento do gozo, como uma forma de tratar o real pelo imaginário (LIMA, 2017). Entretanto, essa solução mostra-se insatisfatória. Há uma dimensão real do gozo que escapa às identificações imaginárias e aparece nas constantes atuações das jovens. Lacadée (2011) indica que passagens ao ato e fenômenos de violência podem surgir a partir da falta de uma tradução possível do excedente pulsional em palavras, e que, no caso das jovens, irrompe por meio dos atos, na forma de brigas, aprontações, etc.

As imagens, por sua vez, veiculam modos de gozo. Elas circulam na rede subordinadas ao mercado de consumo e terminam por impor modos de gozo comuns a todos, não deixando lugar para o singular de cada um.

Ao longo dos encontros as pequenas diferenças entre as adolescentes começaram a aparecer. Quando isso acontecia, alguma delas logo tratava de apagar a diferença. Um dia, por exemplo, quando conversavam sobre viagens e todas concordavam que os Estados Unidos eram o destino mais desejado por elas, Isabela disse: “Londres. Eu prefiro ir pra Londres”. “Que isso? Todo mundo prefere Estados Unidos. Claro que é melhor. E Londres nem é país!”, disse Tainá encerrando assunto. Nessas ocasiões, a animadora da conversação intervinha apontando a diferença que ali aparecia tentando dar-lhe lugar: “Mas vamos escutar o que a Isabela tem a dizer. Por que você acha que Londres é mais legal?”. A palavra aparecia, então, fazendo corte, apontando o furo e dando lugar à diferença.

Um dia, estavam se “zoando” inventando nomes para os futuros filhos das outras. Tais nomes eram sempre algum trocadilho chulo ou ofensivo. Mas elas não se ofendiam. Riam e inventavam um nome ainda pior para nomear o filho da outra. Com a intervenção da animadora, foram levadas a falar da escolha de seus nomes por seus pais. Nesse dia, com muita atenção, todas se escutaram e cada uma falou de si e da origem de seu nome. Todas tinham algo de sua história a dizer, que seu nome tinha sido escolhido por ser diferente, bem brasileiro, ou que tinha sido batizada com a versão feminina do nome de seu pai. De alguma forma, a partir da conversação, elas talvez tenham podido se remeter à sua própria história, construindo para si um lugar no romance familiar e no desejo do Outro.

As jovens, então, passam a falar cada vez mais de si. Em relação à sexualidade, queixavam-se de que a escola não sabia acolher suas questões e promovia apenas ações coercitivas que não davam lugar para a singularidade:

Antes tinha aula sobre sexualidade, mas não tem mais. E tipo, a gente ficava só estudando doenças sexuais, vai estudar sobre o preço de um

bebê no primeiro ano de vida. Eu tive essa atividade, sobre o preço de um bebê na adolescência. A escola faz isso pra gente ficar com peso na consciência. E ficar estudando DST?... Isso a gente já aprende na aula de ciências, o que a gente quer saber mesmo, eles não falam. (Fragmento de fala de uma adolescente)

A partir de um curta-metragem exibido durante um encontro, foi possível para elas falarem de suas questões sobre amor e sexualidade e construir respostas individuais. Concluíram que há várias formas de se apaixonar, que é possível se apaixonar a primeira vista, mas que também é possível se apaixonar por um amigo, que algumas meninas se interessam mais pela beleza e outras pela inteligência, que pode transar no primeiro encontro ou esperar para ter “intimidade entre o casal”. “Tem que ver. Depende de cada uma”, conclui Cláudia.

Pela via imaginária, através da identificação, Isabela, Regina, Patrícia, Cláudia, Tainá e Luísa buscavam tratar o real com o qual foram confrontadas na puberdade. Entretanto, este recurso não se sustenta e revela-se insuficiente. Com o acesso à palavra, é no próprio laço social, já instalado no grupo, que as adolescentes podem se revisitar um pouco mais descoladas da imagem, cuja presença é sempre tão intensa nos gadgets digitais.

Desse modo, a palavra, este atributo da ordem simbólica, mostra-se capaz de enlaçar real e imaginário possibilitando certo tratamento do real do gozo. As próprias adolescentes parecem constatar esse efeito de simbólico quando, no último encontro, explicam: “Aqui, todo assunto que a gente fala, quando vê já virou outra coisa. Não sei como isso acontece, mas acontece”. E Patrícia, de seu jeito, nomeia: “É a envolvimento”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNI, J. T.; FIGUEIREDO, E.R.; CASULA, K. [et al.]. Adolescentes públicos nas redes sociais. Anais do X Colóquio Internacional do LEPSI – 5 Congresso RUEPSY, 2014. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:pB_WepviT7scJ:www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/PDF_SWF/37339a.doc+&cd=1&hl=en&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 17 de janeiro de 2018.

CASTELLS, M. A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996[1930].

LACADÉE, P. O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2011.

LAURENT, É. A sociedade do sintoma: a psicanálise, hoje. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007.

LÉVY, P. Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LIMA, N.L. *Working in Photoshop*. In: SANTIAGO, et. all. *Mais além do gênero: o corpo adolescente e seus sintomas. Sobre as investigações teóricas e clínicas de orientação psicanalítica em projetos de pesquisa e extensão da UFMG*. Belo Horizonte: Scriptum, 2017, p. 128-134.

LIMA, N.L.; CUNHA, C. F. A escuta de adolescentes na escola: a sexualidade como um sintoma escolar. *Estilos da Clínica*, São Paulo, USP, v. 18, n.3 p. 508-517, set./dez. 2013.

LIMA, N.L.; BARCELOS, N.S.; BERNI, J.T.; [et al.]. Psicanálise, educação e redes sociais virtuais: escutando os adolescentes na escola. *Estilos da Clínica*, São Paulo, USP, v.20, n.3, p. 421-440, set./dez. 2015.

LIPOVETSKY, G. *A era do vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri, S.P: Manole, 2005.

NOBRE, M.R. *Realidade virtual, realidade psíquica na pós-modernidade: um encontro com Freud na infinitude fantástica do ciberespaço*. Curitiba: CRV, 2014.

PENA, B. F. *O supereu, sua gula estrutural e seus modos de gozo na história moderna e contemporânea*. 165 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUC Minas. 2016.

STEVENS, A. Adolescência, sintoma da puberdade. *Revista Curinga: Clínica do Contemporâneo*, Belo Horizonte, Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas, n.20, p. 27-39, 2004.

VIOLA, D.T.D. Saber e corpo na adolescência: do enigma à invenção. In: PEREIRA, M.R. (Org.). *Os sintomas na educação de hoje: que fazemos com “isso”?* Belo Horizonte: Scriptum, 2017a.

VIOLA, D.T.D.; LISITA, H.G.; BERNI, J.T.; [et al.]. Adolescência e saber no contexto das tecnologias digitais: há transmissão possível? In: LIMA, N.L.; STENGEL, M.; NOBRE, M.R.; [et al.]. *Juventude e cultura digital: diálogos interdisciplinares*. Belo Horizonte: Artesã, 2017b.

ENTRE O PERFEITO E O VIRTUAL, O ADOLESCENTE COMO REPRESENTANTE DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO E SUAS RELAÇÕES DE AMIZADE

*Samara Sousa Diniz Soares - PUC Minas
samarasousadiniz@gmail.com*

A articulação contemporânea entre amizade e virtualidade aparece como motor para a escrita deste texto. Junção que ratifica o status da amizade como um construto psicossocial especialmente sensível às modificações do contexto em que é exercitada, tendência que a análise histórica e atual de sua vivência muito bem evidencia (ORTEGA, 2002). Devido a essa particular abertura à realidade social e subjetiva da época em que se apresenta, a amizade contemporânea tem sido drasticamente modificada com o aparecimento da tela como recurso mediador de seu exercício.

Nesse sentido, tomando como referência a realidade social hodierna, esta proposta tem como objetivo apresentar algumas mudanças ocorridas na forma de iniciar, manter e romper relações de amizade potencializadas pelas novas tecnologias de informação e comunicação (TIC's), bem como demonstrar o papel fundamental da figura adolescente propriamente dita e/ou de seus ideais na introdução e propagação dessas transformações na medida em que ele se torna o representante do sujeito contemporâneo às voltas com o laço social. Para alcançar tais objetivos, a Netnografia foi utilizada como ferramenta metodológica para chegar às comunidades do Facebook que abordam o tema da amizade e que possibilitaram a identificação das transformações ocorridas no modelo relacional atual que foram iniciadas ou potencializadas com o aparecimento da internet. A análise das 4104 comunidades¹ juntamente com o estudo de pesquisadores sobre o tema ratifica a importância da figura adolescente neste processo.

Conforme defendido por Soares (2018)², ocorre hodiernamente uma mudança de paradigma relacional na medida em que é possível perceber a passagem do discurso-prática da amizade perfeita que até bem pouco tempo dava o tom às relações amistosas, para o discurso-prática das amizades novas. Transformação claramente evidenciada na discrepância da forma como o modo, o espaço e o tempo dos vínculos são encarados em cada modalidade relacional. Perfeita enquanto modo de ser exercitada, eterna enquanto duração e vivida majoritariamente na presencialidade dos corpos, as amizades verdadeiras fazem fronteira com a perfeição, pois "Amizade real não se define com o tempo, distância e espaço, mas

1 Todos os textos, poemas e frases encontrados nas comunidades são citados literalmente, respeitando, inclusive, os erros em relação às regras da língua portuguesa.

2 Dissertação de Mestrado da autora que será defendida em 01/03/2018. Portanto, trata-se de uma pesquisa que ainda não foi publicada.

se fortalece pelos laços eternos da verdadeira confiança”³. Entretanto, esta amizade perfeita e concreta vem perdendo espaço para as amizades novas e fluidas. Jocosas enquanto modo, instantâneas no tempo e fractalizando a presencialidade e a virtualidade dos corpos, as amizades novas, por sua vez, carregam consigo as marcas da virtualidade, pois o convite insistente é: “Borafazernovasamizades”⁴.

Nessa nova aura relacional em que a novidade, a instantaneidade, a fugacidade, a fluidez, a quantidade, a recreatividade, a comicidade, a superação espaço-temporal, a sobrepujação e fractalização de antinomias, marcas do funcionamento virtual e do mercado, dão o tom às amizades que se travam hoje, a problematização da articulação entre amizade e virtualidade torna-se vitais para aqueles que desejam compreender as mudanças instauradas nos laços sociais com o aparecimento da tela. Junção que é representada de forma exemplar na apropriação do Facebook, maior site de rede social atual, do termo amigo para se referir ao usuário que possui uma conta em seu *website*.

A observação cotidiana revela e pesquisas como a de Primo (2016b) ratificam que o Facebook é o site de rede social mais utilizado na atualidade. Seu potencial de ampliar as possibilidades de vivências relacionais e sua clara capacidade de inovação estética e tecnológica lhe garante o lugar que hoje ocupa entre os diversos serviços *online*. Sua multifuncionalidade e interatividade propiciam o enodamento entre os espaços *online* e *offline*, potencializando o laço social. Utilizado como lugar “(...) de afirmação subjetiva e social, de construção de identidade, de validação da experiência, de socialização (...)” (LIMA, 2017, p. 84), o Facebook desempenha um papel fundamental na vida social e subjetiva dos sujeitos atualmente.

Contudo, este site de rede social não assume esta posição de destaque tão somente pela evidente ampliação de possibilidades de vivência, de experimentação e de identificação que oferece, mas também pelas infinitas armadilhas que traz consigo mediante o manifesto processo de industrialização pelo qual submeteu a amizade. Processo mencionado por Primo (2014, p. 126), que

Trata-se de um conjunto de estratégias de racionalização de afetos, de interações linguageiras e da explicitação de endossos (curtidas e compartilhamentos), cujo tratamento estatístico e geração de padrões de comportamentos de consumo podem ser comercializados para subsidiar futuras estratégias mercadológicas, como criação de campanhas promocionais, análise de tendências, planejamento de novos produtos segmentados etc.

Sob a lógica capitalista que faz de seus próprios usuários mercadoria a ser vendida a grandes empresas, o Facebook evidencia de forma exemplar as potencialidades e os perigos da articulação entre amizade e virtualidade. Ambivalência que exige diariamente do sujeito contemporâneo adoção de posições críticas em relação a si, aos outros, aos relacionamentos

3 https://www.facebook.com/AmigosDistantes/?ref=br_rs

4 https://www.facebook.com/Borafazernovasamizades/?ref=br_rs

que constrói e a tudo aquilo que sugerem perspicazmente como modo de vida. Marcada a necessidade do sujeito de se posicionar de forma crítica e singular frente às mudanças relacionais instauradas pelas novas tecnologias aproveitando suas potencialidades e diminuindo os impactos negativos, faz-se necessário trazer à cena a figura adolescente que hoje se torna paradigmática em representar o sujeito contemporâneo e seus laços sociais.

Nesse sentido, é a análise das comunidades que se referem às amizades novas virtualizadas, paradigma relacional ora em construção em contraposição às amizades perfeitas que até então vigoravam, que permitiu identificar como a figura adolescente propriamente dita ou seus ideais de estilo de vida é que dão o tom ao modo de funcionamento, à estética e aos assuntos que são abordados em tais comunidades e, conseqüentemente, ao modo de fazer amigo hoje. Se for verdade que os adolescentes estão abandonando o Facebook e migrando para outros serviços *online* em busca de maior privacidade na medida em que cresce o uso deste *software* social por seus pais ou responsáveis (JIVANDA, 2013; TATE, 2013 apud PRIMO, 2016b), a cultura adolescente, contudo, não saiu dele. O Jogo do Add⁵, o público alvo e o modo de funcionamento das comunidades analisadas provam isso.

O Jogo do Add, mecanismo utilizado pelos internautas para angariar novas curtidas, amigos e seguidores, ainda que não seja utilizado tão somente por adolescentes, pois é “(...) feito pras pessoas que gostam de ter novas amizade”⁶ independentemente de sua faixa etária, publica em suas páginas perguntas diretamente relacionadas ao universo adolescente, remetendo aos seus dilemas, origens, preferências, sexo e escola (LIMA, 2015). Alguns exemplos de *posts*:

“Uma qualidade sua? Quem curtir voce add ou segue.”; “Voce estuda de: 1-manhã, 2-tarde, 3-noite, 4- não estuda mais. Quem curtir voce add ou segue”; “Vc e virgem? (Sim ou nao) Quem curtir vc add”; “Vc gosta de tomar banho? (Sim ou nao) Quem curtir vc add”; “Voce ja fumou? (Sim ou nao) Quem curtir voce add”. (LIMA, 2015, p. 90).

Além da preponderância de “assuntos adolescentes”, o público alvo dessas comunidades parece ser essencialmente esta faixa etária, conforme afirma o criador de uma delas: “(...) pagina em que os adolescentes podem conhecer novas amizades.”⁷. E, além de serem destinadas aos adolescentes, as comunidades do Facebook também são criadas e administradas por eles, pois mencionam coisas referentes à escola e role⁸, atividades típicas desta fase, no campo “sobre”, local destinado à explicitação de características relacionadas à comunidade tais como objetivo, data de criação, *sites* e blogs relacionados, que é preenchido pelo administrador/criador da página.

5 Lima (2015, p. 89) comenta que a lógica ou a mágica deste jogo é muito simples: “o perfil do jogo faz um *post*, um usuário comenta, os outros curtem seus comentários, o primeiro adiciona todos aqueles que curtiram”.

6 https://www.facebook.com/Jogo-Do-Add-ou-Segue-Novas-Amizades-641211085930302/?ref=br_rs

7 https://www.facebook.com/conhecaamizadesnovas/?ref=br_rs

8 https://www.facebook.com/Querendo-Nova-Amizades-2015-686789024768059/?ref=br_rs

Dessa forma, mesmo que nem todas as páginas sejam criadas, administradas ou frequentadas por adolescentes, a forma de funcionamento e a estética apresentada nas fotos de perfil e capa, bem como nas frases e publicações estão intimamente relacionadas ao universo e à lógica de tais épocas da vida. Essa realidade revela ou denuncia o que Calligaris (2000) e Kehl (2004) descreveram em seus textos: a adolescência tornou-se, a partir da Modernidade, um ideal e sintoma cultural. Se até a primeira metade do século XX os jovens desejavam, cada vez mais depressa, se parecer em todos os sentidos com os adultos, tal realidade se modificou depois de 1950, momento em que a adolescência passou a ser vista como um estado de espírito, um jeito de corpo, um sinal de saúde e disposição, um perfil do consumidor, uma fatia do mercado em que todos querem se incluir.

Essa mudança tem suas bases na forma como os adolescentes buscavam o reconhecimento dos adultos e a transformação desse jeito de ser adolescente em mercadoria a ser vendida não só para eles próprios, mas também para os adultos, crianças e até idosos. Calligaris (2000) pontua que, na busca incessante de serem reconhecidos pelo mundo adulto como um par, especialmente por meio da rebeldia, os adolescentes acabaram encarnando o maior sonho da cultura ocidental moderna adulta: a liberdade, tornando-se, assim, um modelo identificatório e objeto de imitação destes, processo ao qual Kehl (2004) nomeia de ‘*teenaginização*’ da cultura ocidental. A adolescência, vista como um momento marcado pela crise, como significativo para tudo o que até então era vivido nos porões da civilização, ao ser vampirizada pelo capitalismo, sai deste lugar para se tornar uma nova fatia do mercado, virar consumidor em potencial. A partir disso, ser adolescente virou slogan, virou clichê publicitário, virou imperativo categórico – condição para se pertencer a certa elite atualizada e vitoriosa.

Entretanto, a ascensão da adolescência dos porões da vida a ideal e sintoma social não é sem consequência. Os laços sociais que na Modernidade eram sustentados pelos ideais da Revolução Francesa na qual igualdade e fraternidade eram primordiais, perderam espaço para a liberdade, representada de forma máxima na figura adolescente, conforme situa Coutinho (2009). O ideal-sintoma encarnado pela adolescência evidencia a incapacidade de dar consistência ao laço social e de assegurar a sua transmissão mediante a falta de representantes sociais com os quais possam se identificar, favorecendo a emergência de um ideal narcísico totalizante e sem falhas preso ao presente em detrimento de um ideal de eu que aponte para projetos futuros e permita um espaço para a falta e para o conflito, motores para o desejo.

Se antes de se tornarem um ideal para todas as idades em nível global, os adolescentes, por meio do intenso trabalho de interpretação dos desejos recalcados dos adultos, tentavam o reconhecimento destes como par, eles descobrem que, na verdade, os adultos gostariam de ser como eles: “os adolescentes pedem reconhecimento e encontram no âmago dos adultos um espelho para se contemplar”, pontua Calligaris (2000, p. 74). Crescer e se tornar adulto, portanto, não significa mais nenhuma promoção, visto que significa abandonar o lugar tão desejado pelos adultos. Coutinho (2009, p. 62) acrescenta que “(...) nas sociedades urbanas, organizadas em grandes círculos sociais, o indivíduo busca cada vez mais em si próprio um ponto de referência, fixo e não-ambíguo, na medida em que não pode mais encontrá-lo em

nenhum ponto exterior a ele”. E, para ela, esta observação quanto à perda de referências tradicionais e a busca em si por um ponto fixo no qual possa ancorar o seu eu é determinante para o surgimento da adolescência.

Entretanto, a abdicação dos adultos deixando vazio este lugar em nossa sociedade também não é sem consequências. A falta de modelos identificatórios para além de si mesmos deixa adolescentes confusos e à deriva, cabendo a cada um, de forma totalmente solitária, encontrar saídas para seus impasses. A imposição do narcisismo, citada por Kehl (2004) como outra consequência dessa retirada do adulto de seu lugar e papel social, gera pânico nos adolescentes, pois, mesmo diante de tantos dilemas, conflitos, inseguranças e dificuldades enfrentadas em tal época, eles têm que responder ao imperativo de ser sempre feliz imputado a eles pela cultura, visto que eles vivem uma “maneira de ser adulto quanto aos prazeres, mas sem as obrigações relativas” (CALLIGARIS, 2000, p. 74).

A adolescência em nossa sociedade ocupa, portanto, o mais alto patamar na escala da importância dos ciclos etários, realidade demonstrada nas páginas encontradas. De um lado, estão os adultos e idosos que querem retroceder no tempo, abandonando seus respectivos lugares e papéis sociais para se tornarem “adultescentes” (LE BRETON, 2017, p. 84), isto é, eternos adolescentes. De outro, estão as crianças, que, cada vez mais, são chamadas a decidir por elas mesmas com uma autonomia crescente, deixando, assim, de serem totalmente crianças e ingressando no mundo adulto, que, na verdade, quer ser adolescente.

A infantilidade misturada com ideais adolescentes e adultos que facilmente é percebida nas páginas do Facebook também pode ser explicada. Calligaris (2000) comenta que a adolescência é uma espécie de infância prolongada no corpo de um adulto, pois ele precisa ser feliz como as crianças são e, ao mesmo tempo, ter condições físicas e psíquicas para realizarem os prazeres mais alinhados com os dos adultos. As crianças, que no início da Modernidade deram suporte aos adultos como fonte de continuidade dos sonhos interrompidos pela morte, com a criação do conceito de adolescência foram relegadas a um segundo plano.

Cada vez mais, o olhar dos adultos se desloca das crianças para os adolescentes, pois o espetáculo de sua felicidade é de fato mais gratificante. Se conseguirmos realizá-la mantendo os adolescentes protegidos e irresponsáveis como crianças, mas com exigências e voracidades de adultos, eles vão nos oferecer um show bem parecido com a felicidade que gostaríamos aqui e agora, para nós (CALLIGARIS, 2000, p. 68).

Assim, os adultos carregam em si ideais e estilos de vida adolescentes que, por sua vez, são uma extensão da infância com algumas regalias de adultos. Tal realidade, entretanto, como muito bem aponta Coutinho (2009), incide diretamente na constituição dos laços sociais contemporâneos. Ao ocupar o lugar de ideal e sintoma da cultura, a adolescência torna-se paradigmática ao representar a condição de todo sujeito na contemporaneidade, isto é, errante frente à falta de suportes coletivos representativos de uma busca ou promessa de satisfação futura que possam fundamentar a constituição do ideal do eu como marca do

desejo a ser satisfeito. O que se vê, por seu turno, é a busca da satisfação imediata, que não pressupõe mediação de um terceiro e nem admite concessões de modo que a referência ideal principal não se situa na alteridade, mas no próprio eu.

Coutinho (2009) afirma que esse tipo de laço social resulta de uma falência e de uma dispersão das ficções compartilhadas e das referências simbólicas, fato que provoca uma dificuldade no confronto com a alteridade, tornando as relações sociais progressivamente mais diretas e imediatas, disseminando-se o fantasma de auto-engendramento individual e social. Presentificado nos dias atuais, o laço social melancolizado mascara a questão da alteridade e dos limites não favorecendo o lidar com a falta e com as diferenças. O que predomina, pelo contrário, são fantasmas de auto-engendramento sociais ou subjetivos, na ausência de ideais descentrados do próprio eu que sirvam como referências identificatórias eficazes para os sujeitos. Assim como acontece na melancolia em que o objeto de identificação é incorporado e confundido com o próprio eu, o laço social melancolizado não se faz representar psiquicamente sob a forma de um ideal distinto do eu indicando uma perturbação do registro do ideal do eu na sustentação do laço social. Em suas palavras:

(...) o sintoma social contemporâneo, expresso através da adolescência como momento de impasse subjetivo, funda-se em um laço social regido prioritariamente pelo registro do eu ideal – que não admite a falta nem leva em conta a diferença, favorecendo o gozo instrumental, totalitário e tirânico, de acordo com o modo narcísico (...) e não pelo ideal do eu – que é, por definição, inatingível e assim serve de sustentação ao desejo (COUTINHO, 2009, p. 239-240).

Nesse cenário de pulverização das referências identificatórias oferecidas pela cultura, o adolescente errante aqui tomado como figura paradigmática do sujeito contemporâneo, faz da mobilidade própria do tribalismo (MAFFESOLI, 1998) uma tentativa de demarcação e sustentação identitária e formação de laços, ainda que sempre mutáveis. Estes pequenos grupos, construídos mediante afinidade dos membros, são “pequenas franco-maçonarias, e sua eficácia se apoia, essencialmente, no fato de que a proximidade de seus membros cria laços profundos o que provoca uma verdadeira sinergia das convicções de cada um” (MAFFESOLI, 1998, p. 117, grifo do autor), aumentando o sentimento de pertença.

Desapegadas de projetos a longo prazo, ou seja, relações que devam durar para sempre conforme defendido no discurso-prática da amizade perfeita, as amizades novas, muito bem representadas pelas tribos maffesolinianas, se arquitetam sob a insígnia do presente ou do presenteísmo para usar o termo do autor. Como corolário, as relações amistosas são pontuais, “conforme os interesses do momento, conforme gostos e ocorrências o investimento passional irá conduzir para tal ou qual grupo, para tal ou qual atividade” (MAFFESOLI, 1998, p. 176). São relações instantâneas que se movem segundo as pegadas do desejo, porém intensas visando tão somente o ato de estar junto à toa.

Nesse novo modelo relacional, é a liberdade, encarnada de forma máxima pelo adolescente, que dá o norte para o iniciar, o manter e o romper as relações amistosas. E como

os desejos sempre mudam, a mobilidade e a intensidade são as marcas dessa nova maneira de estar junto. Ambiguidade que, para Maffesoli (1998), demonstra a crueldade desta nova forma de socialidade, pois são aldeias urbanas que podem paradoxalmente e concomitantemente mostrar relações densas e cruéis que podem contribuir tanto para a efetivação do laço social quanto para o aprofundamento do hiperindividualismo. Nesse cenário, as novas tecnologias potencializam tanto o aparecimento de rede de tribos, ou seja, vários pequenos grupos que compartilham o mesmo território da virtualidade: “‘multidão de aldeias’ que se entrecruzam, se opõem, se entreadjudam, ao mesmo tempo que permanecem elas mesmas” (MAFFESOLI, 1998, p. 194, grifo do autor), quanto a solidão em rede defendida por Turkle (apud Primo 2016a).

Dessa forma, a análise do material encontrado no Facebook possibilita afirmar que as relações amicais atuais estão passando por um processo de mudança de paradigma na medida em que os ideais da amizade perfeita, que vigoravam até então, não condizem mais com uma sociedade intensamente atravessada e marcada pela virtualidade. Os laços sociais sob o discurso da perfeição que na Modernidade eram sustentados pelos ideais da Revolução Francesa na qual igualdade e fraternidade eram primordiais, perderam espaço para a liberdade, representada de forma máxima na figura adolescente. Tais mudanças potencializadas pela rede são vivenciadas pelo “sujeito adolescente contemporâneo”, mesmo que cronologicamente não pertença a esta faixa etária.

Esse ideal-sintoma encarnado pela adolescência, tal qual a virtualidade, é ambíguo. É esse mesmo adolescente marcado pelo individualismo próprio da época em nascera enquanto conceito, ou seja, a Modernidade, conduzido essencialmente pelo desejo e que por isso tem impasses com a alteridade, que pode fazer da própria vida uma obra de arte a ser esculpida por si mesmo a partir da busca de saídas criativas e singulares frente à realidade social a partir do seu desejo. Tanto as tribos de Maffesoli (1998) quanto as amizades novas de Soares (2018) podem ser apropriadas como motores do hiperindividualismo ou como reações coletivas, holísticas, a um mal-estar subjetivo generalizado de apropriação e renovação do laço social. Fratrias órfãs que tentam elaborar novos modelos de sustentação social e novas referências, uma vez que não se conta com a presença de figuras capazes de encarnar os ideais de uma maneira mais estável e global.

REFERÊNCIAS

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. Publifolha: São Paulo, 2000.

COUTINHO, Luciana Gageiro. **Adolescência e errância**: destinos do laço social no contemporâneo. Rio de Janeiro: NAU: FAPERJ, 2009.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

LE BRETON, David. **Uma breve história da adolescência**. Belo Horizonte: Editora PUC, 2017.

LIMA, Letícia Vargas. **Os mendigos de likes**. 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

LIMA, Nádia Laguárdia de. A internet muda tudo! In: MELGAÇO, Paula et al. (Orgs). **Como a tecnologia muda o meu mundo**: imagens da juventude na era digital. Curitiba: Appris, 2017, p. 79-87.

ORTEGA, Francisco. **Genealogias da amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

PRIMO, Alex. Industrialização da amizade e a economia do curtir. In: OLIVEIRA, L.; BALDI, V. (Orgs.). **A Insustentável leveza da web**: retóricas, dissonâncias e práticas na sociedade em rede, Salvador, BA: EDUFBA, 2014, p. 109-130.

PRIMO, Alex. **E se Aristóteles usasse o Facebook?** Uma genealogia da amizade. Rumores, n.20, v.10, 2016a.

PRIMO, Alex. Conversações fluidas na cibercultura. In: XXV Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2016b. **Anais....** Goiânia, 2016b.

SPECHT, Patrícia Pivoto. Entrevista com Alex Primo: A reinvenção da amizade na cibercultura. **Contemporânea Comunicação e Cultura**, v.14, n.03, set-dez 2016.

O QUE FAÇO NA INTERNET? PERCEPÇÃO DOS ADOLESCENTES E SEUS PAIS SOBRE O USO DAS TIC'S

Vanina Costa Dias¹

Márcia Stengel²

Simone Pereira da Costa Dourado³

Marilza de Lima Friche⁴

Jéssica Buthers Lima Ferraz Fraga⁵

Luis Filipe Santos⁶

A realidade social contemporânea, marcada pelo avanço e uso constante das tecnologias de informação e comunicação (TIC's) para as mais diversas atividades, demonstra que a virtualidade se tornou um novo espaço de vivências e relacionamentos que ocasionam múltiplas experiências e trazem consigo uma nova dimensão de mundo, alterando as relações interpessoais e interferindo diretamente na vida cotidiana das pessoas. No entanto, pesquisas demonstram que existem significativas diferenças entre o uso que adolescentes e adultos fazem da internet e, conseqüentemente, nos efeitos que ela produz.

Exemplos disso são as diferenças geracionais no uso de serviços *on-line* para manter contato com amigos, analisadas por Primo (2016b). Dentre as inúmeras diferenças de apropriação de uso dos mais variados serviços de acordo com a faixa etária, chama a atenção o fato de que os pais ou responsáveis pelos adolescentes, ou seja, pessoas entre 41 e 50 anos, são os que mais utilizam o Facebook para conversar com os amigos (98,2%), seguido dos jovens entre 21 e 30 anos (96,5%), dos que possuem entre 31 e 40 anos (94,8%), daqueles com mais de 50 anos (93,6%) e, em último lugar aparecem os adolescentes (92%). As análises desses dados demonstram que, embora o Facebook seja utilizado por pessoas das mais variadas faixas etárias para manter contato com os amigos - o motivo primordial apontado pelos internautas para seu uso - jovens e adolescentes utilizam menos esta rede social do que seus pais ou responsáveis e familiares mais velhos. O compartilhamento da mesma ambiência virtual com familiares tem ocasionado, inclusive, a migração dos jovens para outros serviços em busca de maior privacidade (JIVANDA, 2013; TATE, 2013 apud PRIMO, 2016b).

Com relação ao Whatsapp, o percentual de uso decresce na medida em que a faixa etária se eleva. Adolescentes entre 16 e 20 anos o utilizam majoritariamente (92%) ao passo

1 FPL. Email: vaninadias@gmail.com

2 PUC Minas. Email: marciastengel@gmail.com.

3 UEM. Email: simone.dourado890@gmail.com

4 PUC Minas. Email: liufriche@yahoo.com.br

5 PUC Minas. Email: jessicabuthers@hotmail.com

6 PUC Minas. Email: luisfilipe.puc@gmail.com

que o outro extremo, entre pessoas com mais de 50 anos, o número cai para 63,8%. No caso do uso do e-mail, o fenômeno é inverso. Apenas 44% dos respondentes na faixa etária dos 16 aos 20 anos utiliza ou utilizou o e-mail para manter contato com amigos, enquanto 85,1% dos respondentes com mais de 50 anos disseram fazer uso da ferramenta. Ou ainda, as faixas de 41 a 50 anos, ou mais de 50 não assinalaram o uso do aplicativo Tinder, deixando tal prática exclusivamente para os adolescentes (6%), jovens (4,6%) e adultos (2,6%).

De acordo com Spizzirri e outros (2012), os adolescentes são caracterizados por estarem sempre conectados a algum tipo de mídia e até mesmo, a mais de uma mídia simultaneamente. Em pesquisas realizadas pelo CETIC.Br verificou-se uma tendência de crescimento da proporção de usuários de internet: em 2008, ela era de 39%, ao passo que em 2016 61% da população brasileira se conectaram à rede, o que equivale a 107,9 milhões de usuários no país. Chama nossa atenção no último levantamento dessa pesquisa (2016) a diferença de usuários de internet por idade: enquanto a faixa etária de indivíduos entre 10 e 34 anos apresentou proporções superiores a 80%, a dos indivíduos de 45 a 59 anos alcançou 54%, e entre aqueles de 60 anos ou mais apenas 24% eram usuários de internet.

Todas essas questões se reproduzem no núcleo familiar na relação entre os adolescentes e seus pais. As tecnologias de comunicação e informação, que, até muito recentemente, eram, predominantemente, dominadas pelos adolescentes, atualmente são utilizadas em grande escala também por seus pais, mesmo que de forma diferente, como apresentado anteriormente. Essa realidade tem promovido significativas alterações nas relações entre os adolescentes e seus pais e em toda a dinâmica familiar. Tais mudanças fazem da família um espaço privilegiado para a observação das relações intergeracionais relacionadas aos usos das TIC's, especialmente durante a adolescência dos filhos, pois, neste momento, eles têm seu status modificado pelos processos de individuação e autonomização, que redefinem relações intra e intergeracionais.

Nesse contexto, com o objetivo de conhecer os aspectos geracionais na utilização das novas tecnologias, este trabalho propõe analisar como as relações entre pais e filhos adolescentes passam a ser mediadas pelos usos que ambos fazem delas. Como percurso metodológico foi realizada a análise qualitativa dos dados já tratados estatisticamente da pesquisa TIC Kids *Online* coletados em 2015 e 2016. Destes dados, foram selecionados os que se referem aos aspectos gerais de uso da internet pelos pais e adolescentes e às atividades de mediação realizadas pelos pais/responsáveis com o objetivo de analisar as consonâncias e dissonâncias na apropriação do uso pelos dois grupos, bem como conhecer as práticas de mediação que são realizadas.

Quanto aos aspectos gerais de uso da internet, os dados demonstram que embora mais da metade dos pais entrevistados acessem a internet diariamente (61%), o uso da rede como rotina cotidiana ainda é uma tendência mais fortemente observada entre os adolescentes. Mais de 77% deles se conectam diariamente à internet e se apropriam dos sites de rede social quase que unanimemente (96%). A importância que estes *softwares* sociais possuem para os sujeitos contemporâneos já é conhecida e os incontáveis usuários do Facebook, maior

representante deste segmento na atualidade, comprovam tal realidade. Esse lugar diferenciado que os sites de redes sociais ocupam, especialmente na vida dos adolescentes, está intimamente ligado às infinitas possibilidades de vivência e experimentação que proporcionam aos seus usuários.

Mais que a possibilidade de se expor e exibir conteúdos de si, como alguns julgam e potencializar a exaltação de si, a autopropaganda e o autoelogio permanente (LE BRETON, 2017), os sites de redes sociais e as redes sociais que são neles constituídas e mantidas são “intensificadoras do Eu, caixas de ressonância para o sentimento de existir” (LE BRETON, 2017, p. 18). Inflação e exposição de si que, para além do uso narcisista e individualista, são muitas vezes utilizadas como convite à interação. Como pontua Landim (2017), na rede, a interação social acontece através das imagens performáticas que são nela veiculadas. Dessa forma, esses ambientes tão frequentados pelos adolescentes podem e diversas vezes são utilizados para construção de si a partir do outro no laço social.

As TIC's, na maior parte das vezes, são usadas pelos pais e seus filhos em sua própria residência, 93% e 86%, respectivamente (CETIC, 2016). Este dado é reiterado pelas pesquisas de Maidel e Vieira (2015) e Almeida et al. (2013), que também registram a casa dos pais como o lugar mais comum de uso das TIC's pelos adolescentes. Entretanto, o uso expressivo (81% e 85%) da rede por parte dos adolescentes quando estão na casa de outras pessoas também é significativo.

Paradoxalmente, a casa, ícone do mundo privado, aparece como o lugar primordial para o acesso à rede, isto é, ao mundo público. Tal ambivalência sinaliza como as novas tecnologias impactam diretamente na fractalização dos mundos *on-line* e *off-line*, não cabendo mais, inclusive, esta divisão. Ademais, faz pensar como as novas tecnologias são potentes em fazer com que o sujeito contemporâneo experimente situações ambivalentes. Se, por um lado, a segurança do privado possibilita a adolescentes e adultos adentrarem ao mundo público por meio da rede com maior grau de segurança e controle sobre seus comportamentos e reações bem como os do outro, essas mesmas tecnologias são aquelas que dificultam o desenvolvimento de habilidades sociais que são próprias do encontro presencial sem a mediação da tela. Se elas facilitam o iniciar, manter e romper relações sociais, por exemplo, de forma mais rápida e menos dolorosa, também criam uma assepsia relacional que enfraquece o desenvolvimento de habilidades necessárias aos sujeitos.

O uso significativo da internet em outras casas revela a relação de dependência que os adolescentes têm, muitas vezes, com o seu aparelho celular, principal meio de acesso à internet atualmente. Devido ao lugar quase coextensivo do corpo que os *smartphones* ocupam para os sujeitos contemporâneos, estar conectado, independentemente do lugar e com quem esteja, é antídoto a reações de raiva, estresse, desespero e ansiedade, bem como garantia de liberdade, reconhecimento e não solidão.

Podemos ter a sensação de que, com o Iphone carregado e tendo a conexão necessária (isso é, dadas as condições preservadas), três ideias se colocam como “verdadeiras”: a primeira é a de que podemos co-

locar nossa atenção onde quisermos, a segunda, que seremos sempre ouvidos e a terceira, finalmente, que nunca ficaremos só (BARBOSA, 2013 apud MELGAÇO, 2017, p. 76, grifo da autora).

Em meio a essa segurança vital assente nas tecnologias, “desconectar-se é, para muitos, uma morte simbólica, uma impossibilidade de pensar a continuidade de sua presença no mundo” (LE BRETON, 2017, p. 19. Há uma tendência em valorizar mais as conversas virtuais do que as presenciais mencionada por Turkle (2011 apud PRIMO, 2016a) como um dos efeitos negativos da virtualidade. Para essa pesquisadora, a onipresença dos dispositivos digitais na vida cotidiana cria a expectativa da resposta imediata. Essa interação *on-line* permanente acaba impactando diretamente nas conversações presenciais, tornando-as fragmentadas, dispersas e menos valorizadas, pois é com elas que se gastam menos tempo e atenção em detrimento das virtuais.

Um dado que reflete a ideia de extensão corporal dos aparelhos móveis é a porcentagem de pais e filhos que fazem uso das TIC's quando estão se deslocando para algum lugar: o número de pais que acessam a internet em seu deslocamento apresentou um aumento significativo, passando de 42% em 2015 para 59% em 2016. Ainda em relação ao local de acesso às tecnologias da informação e comunicação, a diferença mais significativa que se observa diz respeito ao fato de os filhos utilizarem com frequência as TIC's quando estão em outros locais, como shoppings, lanchonetes e igrejas, enquanto que os pais pouco utilizam seus aparelhos nesses espaços. Além disso, é possível notar que alguns pais acessam a internet no local de trabalho, o que não foi indicado entre os filhos, provavelmente devido a não inserção do adolescente no mundo laboral. Tal aspecto remete à afirmativa de Ponte (2011) de que grande parte dos adultos inicia seu contato com o mundo digital através de suas ocupações profissionais, ao contrário dos adolescentes, que já nasceram no contexto de explosão digital.

Nessa direção, Spizzirri e outros (2012), com o objetivo de mapear os modos de utilização da internet pelos adolescentes, apontam em sua pesquisa que quando questionados sobre quem lhes ensinou a usar a internet, 58,52% dos adolescentes afirmaram que aprenderam sozinhos, sendo que a maioria aprendeu já na primeira infância, antes dos 10 anos de idade e de forma autodidata. Segundo as autoras, “essa autonomia no aprendizado caracteriza uma geração de jovens precocemente familiarizados e, conseqüentemente, destemidos para dominar as novas tecnologias” (SPIZZIRRI et al, 2012, p. 331). Além disso, estudo realizado por Cabello, Claro e Cabelllo-Hutt (2016) a respeito da percepção dos filhos sobre a mediação parental no uso das TIC's mostrou que 70% dos filhos acreditam saber mais sobre a internet que seus pais. Esses dados suscitam de forma expressiva a questão de como o uso das TIC's têm impactado a relação entre pais e filhos, assim como o conhecimento por parte dos pais em relação ao seu uso. “A entrada massiva de equipamento tecnológico em casa veio reavivar na família um estatuto de lugar de produção e transmissão de saberes entre gerações – digitais, neste caso” (ALMEIDA et al., 2013, p. 354).

Se há uma percepção de maior conhecimento do uso das TIC's pelos adolescentes, essa pode ser uma razão pela qual o movimento de doação e recepção de orientação dada pelos

pais/responsáveis em relação ao uso da internet para os adolescentes é ainda muito pouco realizado por ambos. Duas situações de orientação das abordadas na pesquisa (Ensinam como se comportar na internet com outras pessoas e explicam que alguns sites são bons e outros são ruins) tiveram maior destaque, alcançando um percentual acima de 70%. Percebe-se, assim, preocupação por parte dos responsáveis com quem os adolescentes se relacionam na rede e quais locais frequentam.

Comparando os dados de 2015 e 2016 é possível perceber um aumento do acompanhamento presencial dos pais/responsáveis das atividades que o adolescente realiza na internet. Eles responderam que ficam por perto (45% - 51%), sentam junto com os adolescentes enquanto utilizam a internet, mas sem participar do que estão fazendo (44% - 48%), e fazem atividades conjuntas (35% - 44%). Entretanto, o controle mais próximo é substituído pela conversa (61% - 66%), pelos ensinamentos em relação a pessoas (68% - 74%), pelas explicações se os sites são bons ou ruins (72% - 74%), pelo ensino de formas de usar a internet com segurança (58% - 59%) e quais medidas tomar quando algo os chatearem ou incomodarem na internet (58% - 63%). Os pais/responsáveis tendem a adotar atitudes parcimoniosas com os adolescentes, incentivando-os a explorar e conhecer a internet sozinhos (48% - 58%) e não colocando regras quanto ao uso do celular (45% - 43%). Tendem a não usar a abstenção do dispositivo como método corretivo (32% - 38%) e nem monitorar o que fazem ou com quem conversam por meio dele (39% - 43%). Apesar de haver um aumento da ajuda ofertada pelos pais/responsáveis aos adolescentes quando algo na rede os incomoda ou chateia (47% - 51%) ou eles não entendem (29% - 32%), a porcentagem ainda é baixa.

Já a percepção dos filhos relativa ao tipo de orientação dada pelos pais ou responsáveis é divergente a desses. No quesito “ficam perto quando usam a internet”, tal prática foi percebida por 65% dos filhos no ano de 2015 e por 64% em 2016. Também há uma dissonância nas respostas de sentar juntos enquanto usam a internet, vendo o que estão fazendo, mas sem participar do que estão fazendo (57% - 63%). Nos outros itens elencados acima houve uma porcentagem similar nas respostas de filhos e pais/responsáveis. Assim como entre estes, as respostas com maiores índices entre os filhos foram que os pais ensinam como se comportarem na internet (70% - 73%) e explicam que alguns sites são bons e outros são ruins (68% - 72%).

No que diz respeito à verificação realizada pelos pais ou responsáveis sobre o uso da internet pelos filhos, o que eles mais fizeram foi ver os amigos ou contatos que os adolescentes adicionam nas redes sociais, com um percentual de 36% em ambos os anos analisados. As outras ações foram verificar o histórico de sites que o filho acessou (24% - 25%), suas redes sociais (27% - 26%) e o e-mail e mensagens, com um aumento mais expressivo (22% - 29%).

Dentre as situações de segurança e privacidade vivenciadas pelos adolescentes ao usarem a internet nos últimos 12 meses, a mais significativa foi ter publicado algo que se arrependeu e depois apagou (25% - 26%). As outras situações colocadas - alguém usou minha senha para acessar informações pessoais minhas ou para se passar por mim, alguém usou minhas informações pessoais de forma que não gostei, perdi dinheiro sendo enganado na

internet, e alguém tentou fingir que era eu na internet – não alcançaram nem 10% nos dois anos investigados. Esta informação reitera Fernandes e Moresco (2013, p. 5) ao afirmarem que “a visibilidade excessiva, aliada às opções de interação do Facebook, concede aos adolescentes e atores sociais um poder precoce para o qual muitos não estão preparados, criando-se situações complexas de constrangimento moral”. Neste sentido, Costa e Gonçalves (2014) mencionam que muitos adolescentes estão aderindo ao Facebook para se manifestar, dar opiniões, fazer críticas e debater. As autoras salientam sobre a facilidade para criar um perfil nesta rede social, até mesmo burlando suas regras, mas apesar de utilizarem-na com facilidade e rapidez, por vezes os adolescentes ainda parecem não saber como usá-la adequadamente.

Os dados nos apontam que parece haver um descompasso entre pais/responsáveis e seus filhos. A postura dos primeiros pode ser interpretada, pelo menos, de duas maneiras: Numa primeira leitura é que eles não ajudam por não possuírem conhecimento suficiente para a execução de tais tarefas. Le Breton (2017) pontua que os pais são frequentemente menos competentes para ter acesso à rede e por isso, geralmente desistem e dão autonomia ao adolescente para experimentar, entretanto, essa independência exagerada concedida não é sem risco. Dessa forma, neste abismo entre gerações e conhecimentos, os pais ou responsáveis se veem inabilitados para ajudar efetivamente os filhos, deixando-os cada vez mais livres para fazerem o que desejam. Também os adolescentes acabam se tornando os responsáveis por iniciar os pais e ensiná-los a utilizar as novas tecnologias, provocando uma inversão de papéis.

Outra leitura possível é o fato de que os pais ou responsáveis não fazem junto com o adolescente, mas orientam quando este for fazer sozinho, pois estão ausentes na maior parte do tempo em função do trabalho. Melgaço (2017) sinaliza que as modificações sociais que vêm ocorrendo na família desde a década de 1950, especialmente com a saída da mãe para o mercado de trabalho, têm ocasionado mudanças do lugar dos filhos na família, ampliando o desamparo, isto é, a sensação de abandono. “As crianças e os jovens são muito mais deixados à deriva do que outrora no campo da família, pelo grande número de horas que ficam sem a presença dos pais, que saem para o trabalho” (BIRMAN, 2006 apud MELGAÇO, 2017, p. 74), fenômeno que potencializa a hiperconexão. Le Breton (2017, p. 83), ao abordar também algumas transformações enfrentadas pela família contemporânea, fala de uma adultização precoce cujas bases estão afixadas e/ou potencializadas pelo consumismo e o excesso de autonomia concedida aos filhos mediante o recuo dos pais em assumir seu lugar de autoridade, impingindo sobre a relação entre ambos mais uma lógica de paridade ou até mesmo disparidade quando o filho assume o lugar de “mestre”.

Em pesquisa realizada por Dias (2016) observou-se também que a autonomia que se apresenta no modo como os adolescentes se apropriaram das TIC's, ultrapassando os adultos no aprendizado e nas habilidades, revela uma posição de independência que lhes confere um poder sobre as práticas mediadoras dos adultos. Assim, afirmando que adultos estão fora das redes sociais virtuais por causa do desconhecimento técnico para uso do computador e sugerindo a necessidade de um aprimoramento desse uso, os adolescentes se colocam como tutores dos adultos nessa prática, invertendo papéis na hierarquia geracional.

Tanto as respostas dos pais/responsáveis quanto a dos filhos parecem evidenciar que as mediações mais utilizadas pelos primeiros correspondem a estratégias relacionadas a conversas e explicações. Nesta direção, em artigo apresentado por Mora (2016) no qual trata dos direitos dos adolescentes no ambiente virtual, citando Appel et al (2012), a autora afirma que acompanhar o comportamento dos adolescentes na internet não significa que os pais devam monitorar ou colocar medidas restritivas, mas sim que eles estejam abertos a dialogar, orientar e apoiar seus filhos, pois, ao estabelecer uma relação de confiança, será mais provável que o adolescente procure os pais ao lidar com alguma situação desagradável na internet. Já as mediações restritivas demonstram ser mais ineficazes e facilmente burláveis.

Ainda em relação ao conhecimento por parte dos pais sobre o uso que os filhos fazem das TIC's, Terres-Trindade e Mosmann (2016) mencionam que uma pesquisa brasileira realizada pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação (CETIC) no ano de 2012 revelou que, embora o acesso à internet tenha aumentado consideravelmente, os pais demonstraram ter pouco ou nenhum conhecimento do que os filhos fazem quando estão conectados.

Embora tratar-se de uma pesquisa em andamento, os resultados preliminares apontam que as novas tecnologias parecem reforçar a diluição nas barreiras geracionais já existentes e que, em muitas famílias, a introdução no mundo virtual e seu uso tem sido um dos novos discursos que os adolescentes têm trazido para o âmbito familiar e que são eles quem apresenta este mundo aos pais e lhes ensinam como circular por ele. Tais apontamentos demonstram que a virtualidade tem produzido novos discursos no sistema familiar, interferindo nas relações parento-filiais e, conseqüentemente, alterando as barreiras geracionais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Nunes et al. Crianças e internet: a ordem geracional revisitada. **Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa**. Lisboa, n.207, v. 48, p. 340-365, 2013.
- BARBOSA, Alexandre F. **TIC Kids online Brasil 2015**: Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil [livro eletrônico]: TIC Kids online Brasil 2015 = Survey on internet use by children in Brazil, São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016.
- COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL – CETIC. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros**: TIC domicílios 2016. São Paulo: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. 2017
- COSTA, Daine de Almeida; GONÇALVES, Betânia Diniz. As faces do “face”: autoexposição adolescente. **Pretextos** – Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, v. 2, p. 57-75, 2017.
- DIAS, Vanina Costa. **“Morando na rede”**: novos modos de constituição de subjetividades de adolescentes nas redes sociais. Curitiba: CRV, 2016.

FERNANDES, Marília Schmitt; MORESCO, Sílvia Ferreto da Silva. Adolescentes, Fotografia e Redes Sociais: Uma relação perigosa. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v.11, n.1, 2013.

LANDIM, Ilana. Novas compreensões sobre a imagem de adolescentes conectados por redes sociais. In: MELGAÇO, Paula et al. (Orgs.). **Como a tecnologia muda o meu mundo: imagens da juventude na era digital**. Curitiba: Appris, 2017, p. 53-63.

LE BRETON, David. Adolescência e comunicação. In: LIMA, Nádia Laguárdia et al. (Orgs.). **Juventude e cultura digital: diálogos interdisciplinares**. Belo Horizonte: Artesã, 2017, p. 15-31.

MAIDEL, Simone; VIEIRA, Mauro Luis. Mediação parental do uso da internet pelas crianças. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, v.21, n.2, p. 293-313, ago., 2015.

MELGAÇO, Paula. Cérebro eletrônico faz quase tudo? Sobre a hiperconexão e o desamparo. In: MELGAÇO, Paula et al. (Orgs.). **Como a tecnologia muda o meu mundo: imagens da juventude na era digital**. Curitiba: Appris, 2017, p. 65-78.

PONTE, Cristina. Uma geração digital? A influência familiar na experiência mediática de adolescentes. **Sociologia, Problemas e Práticas**. 2011, n.65, p.31-50.

PRIMO, Alex. E se Aristóteles usasse o *Facebook*? Uma genealogia da amizade. **Rumores**, n.20, v.10, 2016a.

PRIMO, Alex. Conversações fluidas na cibercultura. In: XXV Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2016b. **Anais....** Goiânia, 2016b.

SPIZZIRRI, Rosane Cristine Pereira et al. Adolescência conectada: Mapeando o uso da internet em jovens internautas. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 30, n. 69, p. 327-335, abr./jun. 2012.

TERRES-TRINDADE, Michele; MOSMANN, CLARISSE Pereira. Preditores de Dependência de Internet. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 21, n. 3, p. 623-633, set./dez. 2016.

JOVENS PERCEPÇÕES DO URBANO EM UMA CIDADE NO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL

Victor Hugo Nedel Oliveira

Professor do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

victor.nedel@acad.pucrs.br

Tatiana Prevedello

Professora do Instituto Federal Farroupilha

t_prevedello@hotmail.com

Miriam Pires Corrêa de Lacerda

Professora da Universidade Feevale

miriamlacerda@feevale.br

Andreia Mendes dos Santos

Professora do PPG em Educação (PUCRS)

andreia.mendes@pucrs.br

Entender as juventudes contemporâneas e suas relações com a cidade faz-se oportuno em uma sociedade que, cada vez mais, subestima as capacidades destes sujeitos. Este estudo objetiva-se em analisar as percepções do urbano de jovens estudantes de uma instituição pública federal, localizada na cidade de São Borja, no interior do estado do Rio Grande do Sul. Para tanto, realiza-se a metodologia quantitativo-qualitativa, através do uso de questionário auto-aplicável pelos sujeitos da pesquisa. Como aporte teórico, recorre-se aos autores referências no campo das Juventudes e no campo das questões. Os resultados indicam que, a partir da leitura da escala Likert, 56,1% dos jovens participantes do estudo estão na faixa de concordância com a frase “São Borja é uma boa cidade para se viver”. A massiva porcentagem de 79,3% dos jovens afirma que em São Borja as pessoas frequentam os espaços públicos, fato que corrobora com as escritas destes jovens, quando falam dos espaços que mais frequentam em sua cidade, como o parque público Estádio Coronel Vagas, popularmente conhecido como “Parcão”. Em relação à limpeza urbana de sua cidade, 53,7% dos jovens participantes do estudo estão no grau de discordância em relação à frase “São Borja é uma cidade limpa”. Sobre as percepções da possibilidade de São Borja ser uma cidade turística, há uma evidente distribuição entre as repostas dos jovens: 48,8% estão na fase da concordância; 17,1% nem concordam, nem discordam; e outros 34,2% estão na fase da discordância. Desta forma, pode-se considerar que os jovens participantes do estudo formam consideráveis percepções urbanas em sua cidade, na medida em que estão atentos para situações relevantes, como, por exemplo, o turismo, a limpeza e os equipamentos urbanos presentes ou ausentes em seus espaços.

Palavras-chave: Culturas Juvenis; Jovens; Cidade; Percepções Urbanas.

INTRODUÇÃO: AS JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS

Estudar as juventudes contemporâneas e suas relações com as mais diferentes temáticas e os diferentes campos do conhecimento faz-se oportuno em uma sociedade que, cada vez

mais, subestima as capacidades destes sujeitos. A relação dos jovens com a cidade configura-se como um importante eixo de análise na medida em que a cidade se apresenta como o principal cenário das territorialidades juvenis.

Este estudo tem como principal objetivo analisar as percepções do urbano de jovens estudantes de uma instituição pública federal, localizada na cidade de São Borja, no interior do estado do Rio Grande do Sul.

Como aporte teórico, recorre-se aos autores referências no campo das Juventudes, quais sejam: José Machado Pais (2003); Carles Feixa (2004); Juarez Dayrell (2014); Jesus Martín-Barbero (2008); Mário Margulis (2009) e Néstor García Canclini (2008). Há o entendimento, de acordo com a leitura de Feixa (2004), de que as culturas juvenis são as formas pelas quais os jovens estabelecem relações no coletivo, em espaços intersticiais à vida institucional, ou seja, o conceito de coletividade é presente em tais discussões.

Ainda, em consonância com Dayrell e Carrano (2014, p. 22), há que se esclarecer que

as práticas culturais juvenis não são homogêneas. As configurações sociais em torno das identidades culturais não se constituem abstratamente, mas se orientam conforme os objetivos que as coletividades juvenis são capazes de processar num contexto de múltiplas influências externas e de interesses produzidos no interior de cada agrupamento específico.

Neste sentido, a heterogeneidade expressada pelas culturas juvenis contemporâneas também pode ser lida através de suas relações com o urbano e com a cidade. Neste campo das questões urbanas, pode-se destacar a produção de David Clark (1991); Lana Cavalcanti (2015); Bettina Heinrich (2008) e Néstor Canclini (2008).

Para Margulis (2009, p.88):

A cidade é comparável à língua, construída por múltiplos falantes em um processo histórico que dá conta de interações e de lutas pela construção social do sentido. A cidade, igual à língua, reflete a cultura: um mundo de significações compartilhadas. A fala pode homologar-se, no caso da cidade, com as práticas, os comportamentos, as ações, os itinerários, as transformações que vão construindo a cidade, os usos que seus habitantes fazem dela. [tradução nossa].

Em diálogo com o autor aponta-se a necessidade do entendimento de que a cidade é um sistema vivo, e não unicamente um amontoado de equipamentos urbanos como edifícios, prédios, casas, ruas, postes, fiações, calçadas, etc.. A cidade é viva, pois, por este sistema, transitam pessoas, água, carros, ônibus, trens, dinheiro, energia, esgoto, etc. Para cada indivíduo, a cidade possui um significado: para uns, um espaço para morar e trabalhar; para outros, um espaço de turismo; para outros, ainda, um espaço para transitar; e, para alguns, um espaço simples e nada mais.

Ao alargar o debate dos jovens e suas relações com a cidade é possível encontrar amparo com Oliveira (2008, p.235) ao referir que: “Eles são sua própria obra; ao espalhar suas assinaturas pela cidade, transformaram-se em personagens urbanos e dizem, por meio das suas escritas: ‘eu existo’, ‘eu circulo pela cidade’, ‘esta cidade também é minha’ ”.

O ESPAÇO DE PESQUISA: A CIDADE DE SÃO BORJA (RS)

O município de São Borja está situado na fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul, a uma distância de 594 km da capital, Porto Alegre, sendo banhado pelo [rio Uruguai](#), que é a [divisa](#) natural com a cidade de [Santo Tomé](#), localizada na província de [Corrientes](#), na [Argentina](#). São Borja, localizada à 28° 39’ 38” S; 56° 00’ 16” W; com altitude média de 123m e área total de 3615,4 km² possui clima subtropical e, em conformidade com o IBGE (2015), a atual população do município é composta por 62.990 habitantes, apresentando uma densidade de 0,02 hab./km². O IDH do município é de 0,736, possuindo o PIB de 1.013.839,479 e renda *per capita* de 16.027,31.

Figura 1: Igreja Matriz São Francisco de Borja



Créditos: Tatiana Prevedello (2017)

Figura 2: Presidente Getúlio Vargas
– Praça XV de Novembro



Créditos: Tatiana Prevedello (2017)

Primitivamente, São Borja foi aldeia de indígenas do grupo tape-guarani. O povoado foi fundado em 1682, quando ocorreu o retorno jesuítico às Missões Orientais. O nome é homenagem a São Francisco de Borja, que foi o 3º Geral (“General”) da ordem dos jesuítas. O local foi o primeiro dos chamados Sete Povos das Missões da Companhia de Jesus, que abrigou em seu seio a nação guarani e foi o lar de Sepé Tiaraju. Embora tenha sido elevada à condição de município somente em 1833, São Borja foi fundada e povoada ininterruptamente desde 1682, sendo, portanto, uma das primeiras cidades do Brasil e a mais antiga cidade do Rio Grande do Sul, considerando-se que é a mais velha civilização continuamente habitada do estado.

Quando fundada pertencia aos domínios espanhóis e, em 1750, passou a ser controlada pelos portugueses, por força do Tratado de Madri, situação que prevaleceu até 1761, quando voltou à Coroa espanhola. Quarenta anos depois, Borges do Couto, Santos Pedroso e Ribeiro de Almeida incorporaram toda a área das Missões ao território português. A partir de 1810, foi sede da Comandaria-Geral das Missões, época em que foram feitas diversas concessões de sesmarias, e em 1834, de guarnição militar.

Na Guerra da Cisplatina, foi teatro de operações contra as forças uruguaio-argentinas (1816/1827). Durante a guerra com o Paraguai, viu seu território invadido por forças de Lopes (1864) e, na Revolução Farroupilha, participou ativamente.

A lei estadual 13.041/2009 declarou oficialmente São Borja “Terra dos Presidentes”, por ser cidade natal de dois ex-presidentes do Brasil: Getúlio Vargas e João Goulart.

No passado a cidade foi conhecida também como a Capital do Linho, devido ao forte cultivo da planta no município nas décadas do início do século XX e, atualmente, o município é um dos maiores produtores de arroz da região sul.

O INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA (IFFAR)

A implantação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha campus São Borja foi criada pelo Plano Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica – Fase II. O IFFar campus São Borja foi vinculado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha, a partir da Portaria do Ministério da Educação nº 4, de 06 de janeiro de 2009. Assim, em 15 de março de 2010, houve início das atividades acadêmicas. Em 21 de setembro de 2010, o Ministério da Educação lançou a Portaria nº 1.170, tornando efetiva a autorização para o funcionamento do campus na cidade.

Figura 3: Fachada do IFFar
ampus São Borja



Créditos: Tatiana Prevedello (2017)

Figura 4: Dependências do IFFar-
campus São Borja



Créditos: Tatiana Prevedello (2017)

O campus São Borja focou sua área de atuação em dois Eixos Tecnológicos: “Informação e Comunicação” e “Turismo, Hospitalidade e Lazer”, visando proporcionar à comunidade qualificação de qualidade no setor de tecnologia e serviço.

Atualmente, no nível da Educação Básica, o campus oferta cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio, Cursos Técnicos Integrados PROEJA e Curso Técnico Subsequentes, e, no nível Superior, os cursos de licenciatura em Física e Matemática.

O Instituto Federal Farroupilha destina 50% das vagas para estudantes que cursam integralmente o Ensino Médio e/ou Ensino Fundamental em escolas públicas e 50% são destinadas para candidatos com renda igual ou inferior a 1,5 salários mínimos per capita. Essas vagas ainda terão reservas para autodeclarados pretos, pardos, indígenas, cujo cálculo se dá com base no último Censo do IBGE. Dentro da ampla concorrência, 35% das vagas são voltadas para alunos provenientes de escola pública rural. Aos candidatos com deficiência, assegura-se 5% do total de vagas ofertadas. Dentro desse recorte, os sujeitos participantes da pesquisa são alunos do Ensino Médio Integrado em Informática, vinculado ao eixo “Informação e Comunicação”, predominantemente provenientes da área urbana de São Borja.

MATERIAIS E MÉTODOS: O QUESTIONÁRIO

O principal movimento metodológico foi a aplicação de um questionário teste auto-aplicável via *Google Formulários* o qual foi aplicado nas turmas de Ensino Médio nível técnico integrado em informática do espaço de pesquisa. Segundo Vieira (2009, p.15) um questionário é definido como:

Um instrumento de pesquisa constituído por uma série de questões sobre determinado tema. O questionário é apresentado aos participantes da pesquisa, chamados respondentes, para que respondam às questões e entreguem o questionário preenchido ao entrevistador, que pode ser ou não o pesquisador principal. As respostas são transformadas em estatísticas.

A aplicação de questionários na pesquisa facilita a compreensão total e inicial da amostra de pesquisa, pois fornece aos pesquisadores uma série de dados (numéricos ou escritos) sobre as variáveis solicitadas no documento. Para evidenciar a distinção entre os tipos de resposta de um questionário, de acordo com Vieira (2009) faz-se necessário recordar da distinção estabelecida entre as respostas quantitativas e qualitativas, ao mesmo tempo é importante saber se as respostas serão nas palavras de quem responde o instrumento ou se serão dadas alternativas.

O questionário aplicado foi dividido em algumas seções: a primeira, caracterizando a amostra de pesquisa; a segunda, solicitando para que os jovens participantes completassem frases como “São Borja é...”, ou ainda “São Borja não é...”; a terceira, apresentando uma série de afirmações para serem contempladas em um grau de concordância ou discordância, de acordo com a escala Likert (1932); a quarta, questionando a relação dos jovens com a capital

do estado, Porto Alegre; a quinta, perguntando qual seria a primeira palavra que lhes vinha à mente quando vissem algumas imagens relacionadas à temática urbana; e a sexta e última seção, com perguntas diretas sobre a relação dos sujeitos com sua própria cidade, São Borja.

DOS RESULTADOS OBTIDOS

Os resultados indicam que, do número total de 83 convidados para a pesquisa, apenas 1 não aceitou responder a mesma, configurando, então, um grau de 98,8% de respondentes; destes, 67,1% do sexo masculino, 30,5% do sexo feminino e 2,4% preferindo não responder sobre sua identidade de gênero, o que abre margem à discussão sobre tais pertencimentos identitários.

Apresentou-se a imagem que segue para os jovens sujeitos da pesquisa: a entrada da cidade de São Borja, a partir da rodovia que dá acesso à área urbana da cidade, na confluência de três importantes rodovias: a BR 285, a BR 472 e a BR 287.

Figura 5: “entrada de São Borja”



Fonte: Google Imagens (2017)

O objetivo principal do uso deste recurso foi apreender as principais ideias, através de palavras-chave, dos jovens sobre a sua própria cidade. Surgiram dezenas de expressões a respeito da imagem anterior. Elencam-se as principais palavras apontadas pelos sujeitos, no formato de nuvem de palavras: quanto maior a palavra está representada, mais vezes ela ocorreu nas respostas.

Figura 6: “nuvem de palavras”

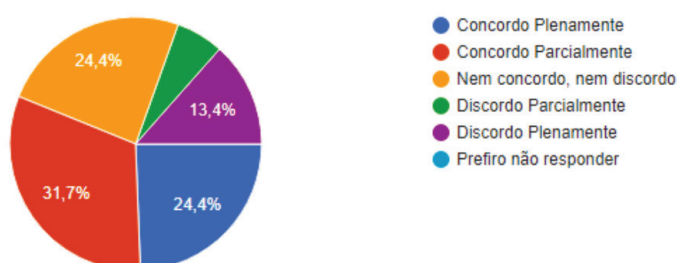


Organização: os autores (2018), elaboração via tagcrowd.com

Para além da nomeação da toponímia da cidade de “São Borja”, como palavra em maior evidência na nuvem de palavras, percebe-se uma relação de expressões as quais podem se vincular a um critério positivo, como por exemplo: “casa”, “lar”, “amor”. Outras palavras expressadas, no entanto, demonstram um vínculo negativo dos jovens sujeitos da pesquisa com seu espaço urbano, ao afirmarem “desinteresse”, “socorro”, “subdesenvolvimento”, “tédio” ou ainda “tristeza”. Embora estas expressões de cunho negativo tenham surgido em menor número de ocorrência, há que se ter igual ou maior atenção, visto que alertam para pertencimentos negativos ou falta de pertencimento desses jovens com seu espaço proximal.

A partir da leitura da escala Likert, 56,1% dos jovens participantes do estudo estão na faixa de concordância com a frase “São Borja é uma cidade boa para se viver”, o que demonstra, para a maioria dos sujeitos, a identificação positiva com seu espaço urbano, mas não os exime de desejos para sua cidade, como por exemplo, a construção de um *shopping center*, de um cinema e de restaurantes de *fast food* espaços almejados por grande parte dos jovens sujeitos da investigação.

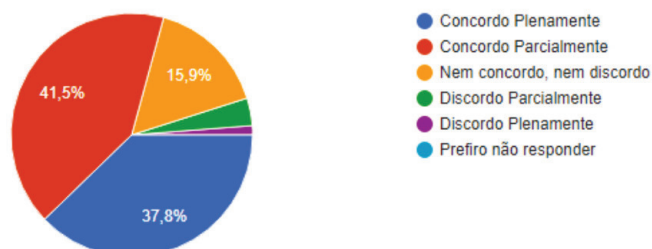
Gráfico 1: “São Borja é uma cidade boa para se viver”



Organização: os autores (2017).

A massiva porcentagem de 79,3% dos jovens afirma que em São Borja as pessoas frequentam os espaços públicos, fato que corrobora com as escritas destes jovens, quando falam dos espaços que mais frequentam em sua cidade, como o parque público Estádio Coronel Vagas, popularmente conhecido como “Parcão”.

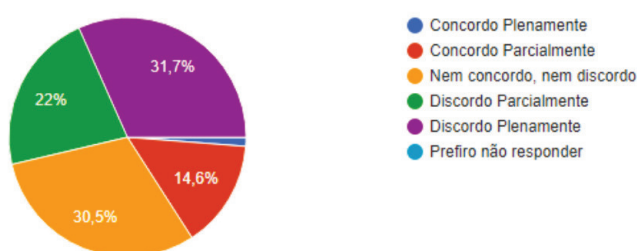
Gráfico 2: “Em São Borja as pessoas frequentam os espaços públicos”



Organização: os autores (2017).

Em relação à limpeza urbana de sua cidade, 53,7% dos jovens participantes do estudo estão no grau de discordância em relação à frase “São Borja é uma cidade limpa”, e, ainda, 30,5% estão nem na concordância, nem na discordância em relação a este tema. Se somadas as porcentagens, há o número de 84,2% de jovens insatisfeitos com a limpeza de sua cidade, percentual significativo indicando que o jovem contemporâneo, mesmo em cidade do interior de um estado brasileiro, está atento às questões de ordem pública da cidade, o que, de certa forma, manifesta sua reflexão acerca do urbano e sua vivência política, mesmo que em fases principiantes.

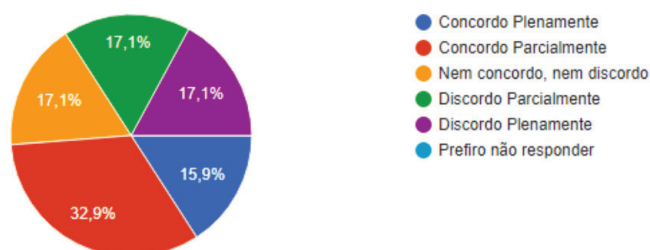
Gráfico 3: “São Borja é uma cidade limpa”



Organização: os autores (2017).

Sobre as percepções da possibilidade de São Borja ser uma cidade turística, há uma evidente distribuição entre as repostas dos jovens: 48,8% estão na fase da concordância; 17,1% nem concordam, nem discordam; e outros 34,2% estão na fase da discordância. Esta presente distribuição evidencia que não há total concordância nem total discordância em relação ao tema, por parte dos sujeitos da pesquisa.

Gráfico 4: “São Borja é uma cidade turística”

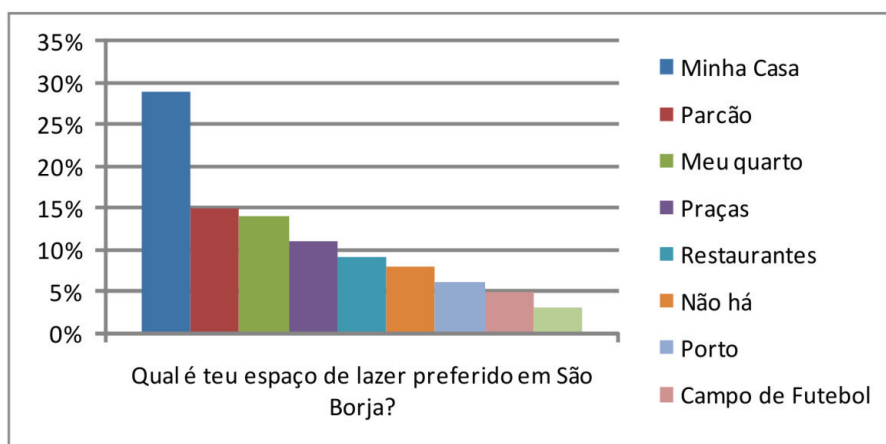


Organização: os autores (2017).

Ao tempo em que alguns jovens reconhecem a imagem de São Borja como a “Terra dos Presidentes”, já que três presidentes brasileiros nasceram na cidade. Outros reconhecem a imagem da cidade como a ideia de “fim do mundo”, haja vista a longa distância de mais de 600 km em relação à capital do estado. Neste sentido, as porcentagens se confirmam, quando analisados os dados qualitativos sobre as percepções dos jovens em relação à sua própria cidade.

Ao questionar os jovens participantes do estudo sobre seu espaço de lazer preferido na cidade de São Borja, e, a partir da análise dos dados coletados, constatou-se uma surpresa, conforme se analisa no gráfico que segue:

Gráfico 5: “Qual é teu espaço de lazer preferido em São Borja?”



Organização: os autores (2018).

Constata-se que as respostas “minha casa” (29%) e “meu quarto” (14%) ficam em espantosa evidência, problematizando a falta de espaços públicos de lazer na cidade, ou ainda, a preferência dos jovens sujeitos de permanecerem em seus espaços particulares, em detrimento do convívio social. Se somadas as duas respostas, há um percentual de 43% da amostra de

jovens preferindo obter lazer em sua própria casa ou seu próprio quarto, o que vai de encontro às ideias próprias do conceito de “culturas juvenis”, ou seja, as formas coletivas de expressão da sociabilidade juvenil (FEIXA, 2004). Por outro lado, apresentam-se alguns espaços públicos como opções de lazer na cidade: o “parcão” (15%), oficialmente Parque Público Estádio Coronel Vagas; as “praças” da cidade (11%); os “restaurantes” da cidade (9%); o “porto” (6%) e o “campo de futebol” (5%). Ainda há a resposta “não há” espaço de lazer em São Borja (8%). O conjunto numérico somado à necessidade apontada pelos jovens de construção de equipamentos públicos de convivência, como o *shopping*, por exemplo, leva a acreditar na sede de espaços de lazer coletivos necessários às vivências juvenis contemporâneas.

A GUIA DA CONCLUSÃO

Pode-se afirmar, em um grau inicial, que os jovens participantes do estudo formam consideráveis percepções urbanas em sua cidade, na medida em que estão atentos para situações relevantes, como, por exemplo, o turismo, a limpeza e os equipamentos urbanos presentes ou ausentes em seus espaços.

Desta forma, pode-se concluir que os jovens contemporâneos estudados neste recorte possuem significativas vivências urbanas, entretanto, lhes falta uma maior apropriação deste espaço, com o intuito de melhor conhecê-lo, seus pontos principais e suas questões de ordem pública e social. Cabe, a guisa da conclusão, recordar as importantes palavras de Carrano, quando afirma que:

as cidades se apresentam como territórios privilegiados da ação social da juventude. Os jovens fazem a cada dia uma nova cidade que, em grande medida, é terra estrangeira para aqueles que não compartilham dos mesmos referenciais de identidade e se tornam impotentes para reconhecer a multiplicidade de sinais que emanam de suas múltiplas práticas. (2003, p. 109).

Assim sendo, entende-se que efetivamente os jovens constroem a cada dia uma nova cidade. Com as amostras da pesquisa, sendo construído uma cartografia dos jovens na cidade, ou seja, das percepções urbanas dos mesmos, eles criam vínculos de identidade e pertencimento aos diferentes espaços. Os resultados dos estudos corroboram igualmente com as ideias do autor quando aponta que os jovens que compartilham os mesmos referenciais de identidade e tornam-se importantes para reconhecer a multiplicidade de sinais que emanam de suas múltiplas práticas (ao não reconhecerem todo o espaço urbano citado ou citar espaços de lazer como a própria casa, por exemplo).

Ao citar o parque como espaço de lazer e, ao mesmo tempo, a necessidade da construção de um *shopping* como grande maioria o fez, o jovem reafirma suas vivências em cotidiano, ou seja, só podemos falar na categoria de culturas juvenis, enquanto categoria conceitual, na medida em que estes jovens exercem seus espaços de identidade e de pertencimento em espaços urbanos. O jovem é múltiplo, é efêmero, é urbano, é transitório.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. **Lei nº 11892, de 29 de dezembro de 2008**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 30 dez. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- CANCLINI, Néstor García. Imaginários Culturais da Cidade: conhecimento/ espetáculo/ desconhecimento. In: COELHO, Teixeira. **A cultura pela cidade**. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CARRANO, Paulo. **Juventudes e cidades educadoras**. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens escolares e sua Geografia: práticas espaciais e percepções no/do cotidiano da cidade. In: _____; CHAVEIRO, Eguimar Felício; PIRES, Lucineide Mendes. **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Editora da PUC GOIÁS, 2015.
- CLARK, David. **Introdução à Geografia Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega à escola. In: _____; _____; MAIA, Carla Linhares. **Juventude e Ensino Médio**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.
- FEIXA PAMPLOS, Carles. A construção histórica da juventude. In: _____; CACCIA-BAVA, Augusto; CANGAS, Yanko. (Orgs). **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras, 2004.
- HEINRICH, Bettina. Mundando cidades: um novo papel para a política cultural urbana. In: COELHO, Teixeira. **A cultura pela cidade**. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- LIKERT, Rensis. **A Technique for the Measurement of Attitudes**, Archives of Psychology, 140: pp. 1-55, 1932.
- MARGULIS, Mário. **Sociología de la cultura: conceptos y problemas**. Buenos Aires: Biblos, 2009.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORRELI, Silvia; FREIRE FILHO, João. **Culturas Juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.
- OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. A vida (nem tão secreta) dos pixadores de São Paulo: festas, rolês, tretas e amizades. In: BORRELI, Silvia; FREIRE FILHO, João. **Culturas Juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.
- PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.
- VIEIRA, Sônia. **Como elaborar questionários**. São Paulo: Atlas, 2009.